



SUTRA VAHINI



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



SUTRA VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2008 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ Televidas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br Loja virtual: www.fundacaosai.org.br Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

Coordenação de Publicação /Conselho Central Organização Sri Sathya Sai do Brasil

Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br

SUMÁRIO

Introdução à versão brasileira	4
Prefácio.....	6
Sutra Vahini.....	7
Athaatho Brahma Jijnaasaa.....	12
Sama.....	14
Dama.....	16
Uparathi.....	16
Thithiksha.....	18
Sraddha.....	19
Samaadhaana.....	20
Mumukshuthwam.....	20
Saastra Yonithwaath.....	35
Thath Thu Samanvayaath.....	39
Ikshather Naa Sabdam.....	44
Gunaschennaathma Sabdaath.....	48
Heyathwa-Avachanaachcha.....	53
Swaapyayaath.....	57
Sruthathwaath Cha.....	59
Mantra Varnikam eva cha.....	64
Jyothischaranaabhidhaanaath.....	65
Prana Sthathhaanugamaath.....	67
Sarvathra Prasiddhopadesaath.....	70

INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Sathya Sai Baba escreveu diversos artigos para as primeiras edições da revista mensal editada pela Sua Organização: Sanathana Sarathi – O Eterno Condutor. Esse material foi, mais tarde, publicado em volumes denominados Vahini – termo que significa córrego, fluxo, torrente.

O nome é bem apropriado, como o leitor verá, porque as palavras que fluem da escrita de Swami Sathya Sai derramam sabedoria e clareza numa linguagem simples, permeada de imagens do dia-a-dia, capazes de transmitir o significado profundo das Escrituras Sagradas da Índia.

Neste Vahini – Sutra Vahini – Baba discorre sobre o livro denominado Brahma Sutra. Ele compõe, juntamente com as Upanishads e a Bhagavad Gita, a trilogia que forma a base da filosofia Vedanta. A tradição indiana aponta o Rishi Badrayana como autor do Brahma Sutra, ao lado de Vyasa, que foi o compilador dos outros dois textos citados.

Enquanto que as Upanishads e a Gita são textos classificados como Revelações Divinas, o Brahma Sutra cumpre o papel de estruturar de forma lógica e sistemática os conhecimentos contidos nos outros dois volumes.

As sutras são frases sintéticas - máximas – que transmitem significados profundos e abrangentes. O Brahma Sutra consiste de 555¹ sutras divididas em quatro capítulos. Cada capítulo, por sua vez, é subdividido em quatro seções. O primeiro capítulo se denomina Samanvaya, que significa Harmonia. Esclarece que todos os textos de Vedanta falam sobre Brahman, a realidade última, a meta da vida. O segundo capítulo, denominado Avirodha (Ausência de Conflito)

1. Algumas referências identificam 564 sutras, outras 449, como o próprio Baba destaca mais adiante, no texto.

discute e refuta as possíveis objeções contra a filosofia Vedanta. O terceiro capítulo: Sadhana (O Método) descreve o processo através do qual a emancipação final pode ser alcançada. O quarto capítulo: Phala (O Fruto) fala a respeito do estado que se alcança nessa emancipação final.

Diversos expoentes do Saber Espiritual teceram comentários sobre o Brahma Sutra, os quais contribuem para diversas escolas de pensamento filosófico. Aqui temos nas mãos o tesouro das divinas palavras de Sri Sathya Sai Baba, esclarecendo diversos aspectos dessa importante escritura e estimulando o leitor a meditar sobre seu significado, aprofundando-se cada vez mais no conhecimento de Brahman, a mais preciosa das sabedorias, pois aquele que conhece o Absoluto torna-se o próprio Absoluto.

Este é o segundo livro que chega ao leitor brasileiro pelas mãos dedicadas de Lakshmi Sunitha, uma devota indiana de Sathya Sai Baba que desenvolveu um software tradutor inglês-português para auxiliar na divulgação dos ensinamentos de Swami em nosso idioma.

PREFÁCIO

Uma Sutra (máxima) expressa em poucas palavras a origem de seu significado. As Brahma Sutras são a Ciência da Vedanta. Delas emana a Doçura das Doçuras, quando são cantadas.

Atualmente, harmonia é mais urgente necessidade. O mundo efêmero necessita de percepção espiritual. Esse é o ponto de vista dos estudiosos da Filosofia Vedanta. As escrituras Védicas oferecem aconselhamento consolador. Elas esclarecem com gentileza.

O homem tem a visão distorcida (ku-darsan); ele idolatra fenômenos reais e irreais. Su-darsan² o faz perceber o Ser Universal nas criações da Natureza. A realização dessa percepção é Liberação (Moksha), a razão e a meta suprema da vida do ser humano – tornar-se conhecedor da consciência cósmica, ou seja, ter a Percepção.

No Sutra Vahini, Bhagavan Sri Sathya Sai Baba acendeu a lâmpada universal da Atma/Brahma Vidya³. Isso foi feito em série na Sanatha Sarathi. Bhagavan, em Seu infinito Amor, mostrou-nos o sublime tratado sobre a Essência das Brahma Sutras. As palavras de Bhagavan e seus jogos de palavras estão além da cognição e percepção humanas.

Nós consideramos este o mais raro dos privilégios, concedido pelo Divino amor e afeição, de submeter esta publicação aos Divinos Pés de Lótus de Bhagavan, nosso Amado Senhor, na auspiciosa ocasião do Seu sexagésimo-sexto Aniversário.

Esperamos que este livro transforme os homens comuns, que se mantêm na ilusão da ignorância, convertendo sua consciência em consciência cósmica, para que eles possam compreender a Bem-aventurança. Isso pode ser descrito como o Reconhecimento da Paternidade de Deus e da Fraternidade do Homem. Essa será a Nova Era.

2. Literalmente, “aquilo que encanta a vista”. No contexto, seria a Visão Não Distorcida.

3. O Conhecimento (Vidya) do Ser (Atma) ou do Ser Supremo (Brahman)

Os Editores

SUTRA VAHINI

Todos os Sastras⁴ derivam seu valor e validade de sua fonte - os Vedas. Estabelecem métodos e normas em consonância com os princípios e as finalidades definidas nos Vedas. Para discriminar entre o bem e o mal, deve-se recorrer aos Sastras.

Os Vedas são A-pourusheya; isto é: não têm nenhum autor humano identificável. Emergiram de Deus em Pessoa e foram ‘ouvidos’ por santos sintonizados com a voz do Divino. Estes comunicaram a Palavra aos seus aprendizes que as ensinaram, por sua vez, aos próprios discípulos. Esse processo de transmitir os Vedas e a sabedoria neles contida prosseguiu geração após a geração de gurus e discípulos até a nossa época atual.

As Upanishads são o próprio núcleo dos Vedas, a verdadeira essência de seus ensinamentos. O Brahma Sutra e a Bhagavad Gita contêm a própria essência dos ensinamentos das Upanishads. Esses três textos escriturais são designados, conseqüentemente, como Prasthaana Thraya, as três fontes escriturais. Desde que foram aprendidos escutando-se o guru, são, junto com os Vedas, denominados Sruthi – ‘Ouvidos’.

Somente a aquisição do conhecimento mais elevado pode cumprir a finalidade principal da vida humana. Tal conhecimento torna o indivíduo ciente de que não é o corpo inerte, inconsciente, etc. e, sim, que ele é a própria Consciência que se manifesta como incorporação de Sath-Chith-Ananda, Existência - Consciência – Bem-aventurança.

4. Tratados filosóficos ou religiosos Hindus; o termo denota qualquer livro, qualquer obra cuja autoridade seja reconhecida, seja de origem divina ou humana, podendo incluir leis, obras científicas, etc.

Quando essa verdade se revela e é experimentada, o homem está liberado, livre da névoa da ignorância, Ajnana, mesmo durante sua vida e até que seu período termine. Transforma-se um Jivan-Muktha⁵.

A Kaivalyopnishad declara:

“Na Karmanaa na prajayaa dhanena thyaagena ekena amruthathwam aanasuh” (Não é por meio dos trabalhos, do potencial humano ou da riqueza, mas só pela renúncia que a imortalidade pode ser alcançada).

Os trabalhos, nesse contexto, são rituais como sacrifícios, ritos sagrados do fogo, votos, caridades, doações para projetos sagrados, peregrinações, banhos cerimoniais nos rios e no mar. Por intermédio de tais atividades, não se pode conseguir Moksha ou liberação, ou seja, livrar-se do véu da ignorância. Na Prajayaa, (não pelo potencial humano) refere-se à aquisição de autoridade, poder, habilidade e inteligência, atributos que permitem manipular homens e coisas; aquisição de fama e supremacia, de encanto pessoal, saúde e felicidade completa, de uma família grande com muitas crianças; nada disso pode conceder ao homem Moksha ou Liberação.

“Na dhanena” (não por meio da riqueza) significa que os trabalhos e atividades mencionadas acima e também as aquisições descritas somente acontecem quando o homem tem a riqueza à sua disposição. Se o indivíduo não for rico, não pode arriscar-se na prática de Karmas⁶ ou em alcançar autoridade, poder, etc. Mas a Upanishad anuncia que Jnana⁷ não está relacionada com riqueza ou dhana. E somente Jnana pode conduzir à Liberação. Assim, a Liberação não

5. Alma Liberada.

6. Nesse contexto, a palavra ‘karmas’ se refere às diversas atividades ou ‘trabalhos’ meritórios anteriormente mencionados: sacrifícios, doações, etc.

7. Sabedoria espiritual.

pode ser conquistada por meio de posses. Riqueza não é um meio para se alcançar Moksha.

Então, qual é, exatamente o meio? A resposta é: Thyagena ekena amruthathwam aanasuh. Só a renúncia pode conferir Moksha ou Imortalidade. Jagath (o mundo objetivo) é irreal, inexistente; deve-se renunciar ao equívoco de que ele é real. A compreensão da idéia de que jagath é uma superposição feita por nossa mente sobre a Realidade é Jnana (Sabedoria). Embora jagath pareça real, a pessoa deve estar ciente de que essa aparência é ilusória. E, como conseqüência, precisa desistir do anseio por obter prazer dos objetos que aparecem e a atraem, aqui e no além. Quer dizer, o indivíduo se libera tão logo renuncie a todos os apegos e desejos. Sarvam Thyaagam⁸. Ajnana ou o conhecimento falso somente pode ser destruído quando se conhece o princípio do Atma. Quando o conhecimento falso desaparece, o sofrimento produzido pelo envolvimento do indivíduo nos altos e baixos de Samsara, o Mundo das Mudanças, também é destruído.

Ajnana e Duhkha (ignorância e sofrimento) não podem ser destruídos por rituais e ritos (karma) – esta é a lição que as Upanishads nos ensinam. De fato, o que está acontecendo hoje em dia é que o homem se esqueceu de sua natureza real. Acredita que é o corpo, os sentidos, etc. Anseia por prazeres objetivos e convence-se de que esses desejos vêm dele mesmo e, sob essa noção equivocada, procura satisfazer suas demandas. Ilude-se de que pode assegurar Ananda⁹ atendendo ao corpo e aos sentidos. Entretanto, não pode obter Ananda com tais tentativas. Ao contrário, é recompensado com desilusão, derrota e até mesmo desastre. Colhe dor e não alegria.

8. Tudo é Renúncia; tudo é Sacrifício.

9. Bem-aventurança.

O envolvimento no prazer objetivo finalmente conduz ao sofrimento. Assim, o homem necessita ser dirigido para os meios corretos de se alcançar Ananda. De onde se pode obter Ananda? Ela não se encontra em objetos externos. O prazer que se pode obter dos objetos externos traz a dor junto consigo.

O Brahma Sutra, as Upanishads e a Bhagavad Gita – as três fontes textuais – explicam a verdade de que você é a própria incorporação de Ananda. Essas três fontes são suficientes para ajudar o homem a alcançar a sabedoria mais elevada.

É uma tarefa árdua compreender os significados das máximas contidas no Brahma Sutra. A menos que a pessoa adquira as qualificações necessárias, não lhe será possível desvendá-las e dominá-las.

Quais, então, são as qualificações? Quatro Sadhanas¹⁰ são estabelecidos pelas escrituras. Quando a pessoa estiver equipada com esses quatro, os significados se tornam tão patentes quanto uma fruta na palma de sua mão. Então, os quatro precisam ser conquistados pelo homem como uma preliminar para saber a verdade sobre si mesmo.

O Brahma Sutra também é conhecido como Saairaka Sastra e Vedanta Darsana. Saaira significa ‘corpo’. Saairaka se refere a todos os componentes do Atma encarnado: ego (jivi), sentidos, etc; o termo Sastra implica em ‘examinar a natureza de tudo isso até o mais alto grau possível’. Quer dizer, o Sastra estabelece que Brahman, o Ser Cósmico é a base sobre a qual tudo o mais é imposto e que a Realidade do indivíduo é a própria Bem-aventurança.

Agora, sobre o nome Vedanta Darsana: Darsana significa ‘visão¹¹’. Darsana promove a visão ou a experiência da Verdade. Os Darsanas

10. Exercícios espirituais.

11. Também poderia ser traduzido como ‘ponto de vista’. Esse é o sentido mais específico no presente contexto.

são bem conhecidos. Foram propostos por sábios de visão abençoada. O Sankhya Darsana foi estabelecido por Kapila. O Nyaya Darsana é da autoria de Gautama, o Vaisesika foi proposto por Kanaada, o Purva Mimamsa por Jaimini e o Uttara Mimamsa por Veda Vyasa. Entre esses, Kapila e Vyasa são reconhecidos pelos sábios como incorporações parciais do próprio Vishnu. O Brahma Sutra de Veda Vyasa é o texto que confirmou e consolidou o Uttara Mimamsa.

O Brahma Sutra adota a técnica da objeção (Purva Paksha) e da conclusão (Siddhanta) para expor a verdade Vedântica. As máximas discutem pontos de vista contrários a fim de remover todas as dúvidas possíveis sobre a validade e o significado das declarações da Vedanta ou das Upanishads. O corpo é considerado o invólucro (Upadhi) da ‘pessoa’ –jivatma e o Brahma Sutra explica a sua Realidade. Por isso, o Sutra é chamado de Vedanta Darsana.

Há 555 Sutras no texto; algumas escolas os contam como 449. A palavra Sutra significa: “aquilo que, somente com algumas palavras, revela vastos significados”. A palavra Mimamsa, do modo como é usada na filosofia indiana antiga, significa a conclusão a que se chegou após o inquérito e a investigação, a inferência adotada como correta depois da profunda consideração das dúvidas e alternativas possíveis.

Os Vedas abordam dois conceitos: Dharma e Brahma. O Purva Mimamsa trata do Karma, dos ritos e rituais, considerados como Dharma. O Uttara Mimamsa trata de Brahma; sua ênfase está em Jnana ou Com-

preensão. O Purva Mimansa começa com a máxima, “Athaatho Dharma Jijnasa” (agora, o estudo do Dharma); o Uttara Mimansa começa com o “Athaatho Brahma Jijnaasa” (agora, o estudo de Brahma).

A consciência de Brahman¹² não pode ser conquistada pela acumulação da riqueza ou mesmo pela doação de riquezas. Nem pode ser conseguida lendo-se textos, alcançando-se posições de poder, adquirindo-se títulos e diplomas, ou ainda pela realização de sacrifícios e rituais previstos nas escrituras.

O corpo é um formigueiro que tem a mente dentro de sua cavidade. E a mente escondeu nessa cavidade a serpente denominada Ajnana (Ignorância). Não é possível matar a serpente recorrendo-se às atividades orientadas à satisfação dos desejos (Kaamy karma). Jnana é a única arma que pode matá-la.

“Sraddhaavaan labhathe jnaanam”. Só a pessoa que tem sraddha pode assegurar jnana. Sraddha significa fé nas declarações contidas nas Escrituras (Sastras).

ATHAATHO BRAHMA JIJNAASAA

Uma Sutra (máxima) resume, em algumas palavras, uma vastidão de significados; infinitos e profundos fundamentos. As Brahma Sutras construíram a ciência da Vedanta; reúnem flores multicoloridas de todas as Upanishads e as unem para formar a uma encantadora

12. O Absoluto Sem Forma e Sem Atributos. Trata-se da concepção de Deus transcendente, além do alcance dos sentidos e da mente. No contexto deste livro, Brahma e Brahman são indistintamente usados como sinônimos. Eles indicam o conceito transcendente e absoluto de Deus em oposição a Brahma (pronuncia-se Bramá), o aspecto criador de Deus na trindade Hindu.

guirlanda. Cada Sutra pode ser elaborado e explicado de diversas maneiras eruditas, de acordo com a compreensão, fé, preferência, experiência e prazer de cada um.

A primeira Sutra de todas é: “Athaatho Brahma Jijnaasaa”. Atha, o termo inicial tem muitos sentidos literais, mas, nesta Sutra, o sentido mais apropriado é: “depois disso”. Então, surge a pergunta: “depois do quê?”. É óbvio que se refere a Brahma Jijnaasa, ‘o anseio por compreender a natureza de Brahman’. Quer dizer, “após o surgimento desse anseio”. E como pode esse anseio emergir? Só pode vir à mente depois que a pessoa adquire qualificações apropriadas. “Depois disso” significa: “após o indivíduo haver se equipado com essas qualificações”.

Jijnaasa não pode render fruto se os Vedas forem simplesmente estudados. Os Vedas lidam com o Dharma. Para compreender Brahman, é preciso estudar Vedanta.

Dentre as qualificações preliminares para Brahma Jijnaasa, a primeira é Viveka: discriminação entre o transitório e o eterno. Em outras palavras, a descoberta de que só o Atma está além do tempo e que todos os objetos perceptíveis pelos sentidos da visão, etc., são apenas transitórios. Só o Atma não sofre nenhuma mudança. Só ele é Nitya Sathya (Verdade Eterna). Como consequência da investigação prolongada, deve-se ganhar essa convicção inabalável e estabelecer-se nela.

A segunda qualificação é: “Ihaa-mutra-phala-bhoga-viraagah” (renúncia ao desejo de apreciar, aqui e no além, os frutos das próprias ações). Isto também é conhecido como Vairaagya (desapego). O indivíduo deve raciocinar e reconhecer a transitoriedade da alegria e da tristeza, poluições que afetam a mente. Ele se convencerá, então, de que todas as coisas estão aprisionadas em um fluxo; são todas momentâneas e somente produzem sofrimento. O sentimento

de desapego nasce em seguida, na mente. Vairaagya não envolve abandonar o local de nascimento, o lar, a esposa e os filhos para se refugiar nas florestas. Envolve somente perceber Jagath (o mundo) como transitório e, em consequência dessa percepção, rejeitar os sentimentos, “eu” e “meu”.

A terceira qualificação é: “Sama-damaadi Guna Sampath”, o grupo de seis virtudes, Sama, Dama e as demais.

Há seis virtudes neste grupo - **Sama, Dama, Uparathi, Thithiksha, Sraddha e Samaadhaana.**

Sama

Sama significa controle mental. Isto é muito difícil de conseguir. A mente pode causar a escravidão; pode também conferir liberação. É um amálgama dos modos Rajásico e Tamásico, das atitudes passionais e estúpidas. Facilmente poluída, ela se delicia em esconder a natureza real das coisas e moldá-las segundo as formas e valores que deseja. Assim, as atividades da mente precisam ser reguladas.

A mente tem duas características. A primeira é: ela corre atrás dos sentidos; qualquer sentido que a mente seguir sem restrição será um convite ao desastre. Quando um pote de água está vazio, nós não necessitamos supor que a água escapou através de dez furos; um furo é bastante para esvaziá-lo. Do mesmo modo, com os sentidos, basta que um não esteja sob controle, para que o indivíduo seja atirado na escravidão. Conseqüentemente, cada sentido precisa ser dominado.

A segunda característica da mente é que o seu potencial pode ser desenvolvido por boas práticas como Dhyana, Japa, Bhajana e Puja. Com a sua força e habilidade assim reforçadas, a mente pode ajudar

o mundo ou prejudicá-lo. Portanto, o poder mental conquistado por tal Sadhana deve ser afastado dos caminhos errados e ser controlado por Sama. Os sentidos devem ser dirigidos pelo princípio da inteligência, o Buddhi. Devem ser liberados do controle que a mente tem sobre eles. Então o progresso espiritual pode ser alcançado.

Manas ou a mente não é mais que um emaranhado de pensamentos, um complexo de carências e desejos. Assim que um pensamento, um desejo ou um querer se ergue da mente, Buddhi deve sondar sua validade - é bom ou ruim, ajudará ou atrapalhará, aonde levará ou terminará. Se a mente não se submeter a esta prova, estará a caminho da ruína. Se obedecer à inteligência, poderá mover-se ao longo do trajeto correto.

O homem tem três instrumentos principais para sua elevação: Inteligência, Mente e Sentidos. Quando a mente se deixa escravizar pe-

los sentidos, o homem se deixa prender e subjugar. A mesma mente, quando é regulada pelo intelecto, pode tornar o homem ciente de sua realidade, o Atma. É por isso que a mente é considerada capaz de causar tanto a escravidão quanto a liberação.

Dama

Agora, quanto à segunda das seis virtudes: Dama. Significa manter o corpo e os sentidos sob o controle. Isso somente pode ser conseguido por Sadhana ou exercício espiritual e não por quaisquer outros meios. A pessoa precisa evitar gastar seu precioso tempo em buscas inúteis. Tem que estar sempre vigilante. Precisa empregar o corpo e os sentidos de percepção e ação em tarefas convenientes, mas nobres, capazes de mantê-los ocupados. Não deve haver nenhuma possibilidade para que thamas ou a preguiça se insinue. E cada ato também deve promover o bem dos outros. Quando a pessoa se limita às atividades que refletem seus deveres naturais (Swadharma) é possível sublimá-los em Sadhana para o corpo e os sentidos.

Uparathi

A terceira qualificação com a qual o indivíduo precisa se equipar é Uparathi. Isso implica num estado mental acima e além de todas as dualidades, tais como alegria e tristeza, gosto e desgosto, bem e mal, elogio e crítica, que agitam e afetam o homem comum. Porém, essas experiências universais podem ser superadas ou negadas por meio dos exercícios espirituais ou do inquérito intelectual. O homem pode escapar desses opostos e dualidades e alcançar o equilíbrio e a estabilidade. Uparathi pode ser conseguida tendo-se cuidado no envolvimento com a vida cotidiana, para evitar complicar-se e escravizar-se

às diferenças e às distinções. O indivíduo deve livrar-se da identificação com castas, como Brâmane, Kshatriya, Vaisya e Sudra¹³, ou clãs como os Gotras¹⁴, ou ainda condições como infância, juventude, idade adulta e velhice, ou mesmo gêneros como masculino e feminino. Quando se tem sucesso em rejeitar tudo isso e se estabelecer firmemente na realidade Átmica, realmente se conseguiu Uparathi.

Não veja o mundo como mundo, com um olhar material. Olhe para ele com o olho do Atma, veja-o como a projeção de Paramatma. Isso pode levá-lo a cruzar o horizonte das dualidades até a região da Unidade. O Uno é experimentado como muitos por causa das formas e nomes que o homem lhe impôs. Isso resulta do jogo da mente. Uparathi promove a exploração interna, Nivrithi, em lugar do inquérito e atividade exteriores, Pravriti. Ao longo de Nivrithi encontra-se o

13. As quatro grandes Castas, as quais, segundo os Vedas, emanaram do próprio Deus, constituindo partes do 'Seu Corpo' e representam todas as classes de seres humanos. Os brâmanes são os intelectuais, os mentores e sacerdotes, os professores e os cientistas; os Kshatriyas são os nobres, os governantes, os militares; os Vaisyas são os empresários, banqueiros, comerciantes, etc. e os Sudras são os trabalhadores assalariados, agricultores e assim por diante. A idéia original é a de que cada membro de cada casta deve desempenhar seu papel para que o 'corpo de Deus', ou seja, a Sociedade, seja saudável e próspera. Os problemas surgem quando um membro de uma 'casta' ou 'Varna' (seu nome original) deseja agir como membro de outra casta, gerando o caos na Sociedade. A compreensão estreita e preconceituosa desses conceitos criou os isolamentos e as intocabilidades que motivaram, modernamente, a condenação do sistema.

14. Espécie de ancestralidade, segundo a qual, por exemplo, uma família brâmane se declara descendente direta de algum dos Rishis – sábios da antiguidade, que receberam os Vedas. Em geral, o termo significa 'grupo familiar'.

caminho de Jnana (inquérito intelectual); ao longo de Pravriti está o caminho do Karma (atividade dedicada).

As atividades sagradas como os rituais e os sacrifícios (karmas) estabelecidos nos Vedas não podem conferir liberação da escravidão ao nascimento e à morte, Moksha. Somente ajudam a limpar a consciência. Diz-se que elevam o homem ao paraíso; mas o paraíso é mais uma prisão. Não promete a liberdade eterna. A liberdade que faz o indivíduo ciente da verdade, de sua própria verdade, somente pode ser conquistada com Sravana (escutar o guru), Manana (absorver o que foi escutado) e Nididhyasana (meditar sobre sua validade e significado). Somente aqueles que afastaram suas mentes do desejo podem beneficiar-se do guru. Outros não conseguem lucrar com a orientação. Aqueles que esperam e desejam o fruto de suas ações podem se dedicar a elas até ter sua consciência purificada. Além disso, suas ações não têm qualquer valor. Assim, a pessoa deve ser sempre consciente do Atma como aquilo que a tudo penetra e invade, de modo que a atração e repulsão, o complexo da dualidade, não o possa afetar.

THITHIKSHA

A quarta qualificação é Thithiksha. É a atitude da tolerância, a recusa em ser afetado ou sentir dor quando afligido pela tristeza, pela perda, e pela ingratidão ou maldade do outro. De fato, o indivíduo é feliz e calmo porque sabe que esses são os resultados de suas próprias ações, que agora recaem sobre ele e considera aqueles que causaram a miséria como amigos e simpatizantes. Não revida e não deseja o mal para eles. Suporta todos os golpes, paciente e contente.

A reação natural de uma pessoa quando alguém a fere, não importa quem seja, é ferir em retorno, quando alguém lhe causa dano, devolver o dano e quando alguém a insulta, insultar de volta, de um jeito ou de outro. Mas essa é a característica do caminho de Pravriti - o trajeto do envolvimento objetivo. Aqueles que procuram o trajeto interno da sublimação e da purificação - o caminho de Nivriti - precisam evitar tal reação. Devolver injúria por injúria, dano por dano ou insulto por insulto somente aumenta seu fardo Kármico, que tem que ser suportado e eliminado nas vidas futuras. Esse fardo é denominado Aagaami ou linear. Não se pode escapar da tarefa de submeter-se às conseqüências dos próprios pensamentos, palavras e ações, no devido momento. Pagar o mal com o mal jamais poderá aliviar o peso do karma; somente o tornará mais pesado. Pode conferir alívio e satisfação imediatos, mas não pode senão fazer a pessoa sofrer mais tarde. Thithiksha, portanto, instrui o homem a fazer o bem à pessoa que o fere.

SRADDHA

A quinta entre as virtudes a ser cultivada é Sraddha. Ela significa fé inabalável nas sagradas escrituras ou sastras e nos códigos morais que elas contêm, bem como no Atma e no guru. A fé é o sinal de Sraddha. Os gurus são dignos de adoração. Eles nos mostram o caminho da realização, o Sreyomarga. Os sastras são projetados para assegurar a paz, a prosperidade do mundo e a perfeição espiritual da humanidade. Têm diante de si essa grandiosa meta. Mostram o caminho para a sua realização. Assim, a pessoa deve ter fé nesses

sagrados sastras, gurus e anciãos veneráveis. Os gurus, de sua parte, devem somente instruir as pessoas no conhecimento do Atma que é imanente em todos os seres (Sarva jivaat-maikya Jnana). Aquele que tem Sraddha conseguirá esta Jnana. Eles mesmos devem ter completa fé nisso e viver de acordo com essa fé sem a menor vacilação.

SAMAADHAANA

A sexta qualificação é Samaadhaana. O indivíduo precisa estar convencido, de forma incontestável, de que aquilo que as escrituras transmitem e o Guru ensina são exatamente a mesma coisa. O intelecto deve se apoiar e extrair inspiração do Atma, todo o tempo e sob todas as circunstâncias. O aspirante ao progresso espiritual deve se apegar somente à Consciência universal constante. Todas as suas ações devem ter como objetivo a alegria de Deus. Ele deve ter fé implícita na máxima das escrituras: “todos os seres vivos são amsas [facetas, frações] de Iswara [Deus]”. A fim de confirmar e fortalecer essa fé deve-se ver todos os seres como iguais. Esta sexta virtude, denominada Sadhana Sampath é o Tesouro do Esforço Espiritual.

MUMUKSHUTHWAM

Em seguida, nós consideraremos Mumukshuthwam - o anseio por Moksha ou Liberação. Esse anseio não pode surgir do dinheiro ou da erudição que pode ser obtida com grandes despesas. Nem pode emergir da riqueza ou do berço, dos ritos e rituais recomendados nas escrituras ou dos atos de caridade, porque Moksha [libertação do sofrimento e aquisição da felicidade] somente pode vir da vitória sobre Ajnana [ignorância]. Uma pessoa pode dominar todas as escrituras, junto com todos os comentários eruditos escritos sobre elas

por especialistas; pode propiciar todos os deuses, executando as modalidades de adoração e cerimônias prescritas; nada disso pode conceder a bênção da Liberação. Todas essas ações são motivadas pela obtenção de benefícios e bênçãos distintas do conhecimento supremo [Jnana]. Só o sucesso no caminho do conhecimento pode conceder a salvação. Uma pessoa pode ter todos os itens necessários para preparar uma refeição, mas se o fogo não estiver disponível, como a refeição poderá ser preparada? Assim também, se Atma Jnana [a consciência do Atma como a única realidade] não estiver presente e alguém declarar que se pode alcançar Mukti ou Liberação banhando-se nas águas de rios sagrados, o que diríamos dos peixes e de outras espécies aquáticas que passam todas as suas vidas nos rios! Se alguém acreditar que passar anos em cavernas, nas montanhas, conduzirá à Liberação, o que será que os ratos e as bestas selvagens poderiam conquistar? Se, por meio das práticas ascéticas como comer raízes e tubérculos e mastigar folhas para o sustento do corpo, alguém conseguir alcançar a Liberação, então as cabras que se alimentam de folhas e os porcos que escavam a terra para ingerir tubérculos também alcançariam a Liberação? Se cobrir o corpo inteiro com cinza é considerado ascetismo, será que os cães e os asnos que rolam nos montes de cinza podem reivindicar a Liberação? Essas crenças e práticas são sinais de pobreza de compreensão. O indivíduo deve se concentrar em alcançar Atma Jnana, a consciência da Eterna e Universal Realidade Átmica.

A palavra Atha, com a qual a primeira Sutra começa, significa “depois disso” e investigando-se suas implicações, descobriu-se que envolvem a aquisição daquelas quatro realizações – Discernimento, Desapego, as Seis Virtudes e o Anseio pela Liberação.

A palavra seguinte também é Athah, com o tha suave, em vez de acentuado, como na primeira palavra. Athah significa “por essa razão”. Por conseguinte, deve-se perguntar: qual razão? A razão é que nem o exame dos textos do Sastras, nem a execução dos ritos e rituais, nem o estudo de objetos materiais, nem o processo de aprender com o exemplo de outros homens garantem a aquisição da consciência do Supremo, de Brahman. Porque os objetos e os indivíduos, os ritos e as atividades são transitórios. Sofrem deterioração e destruição. O melhor que podem proporcionar é a limpeza da mente, nada mais. O karma não pode libertar o indivíduo da ignorância básica, ou conceder a consciência de Brahman como realidade. A pessoa precisa estar consciente dessa limitação, a fim ganhar o direito de investigar o mistério de Brahman, a fonte e o núcleo do Cosmos.

Essa mesma Sutra inicial encerra uma lição: Aquele que devota sua vida à conquista do conhecimento do Atma, que é o seu próprio ser, deve possuir virtudes sagradas e essas virtudes devem tornar sagrados, sua conduta e seus contatos. Pois, nenhum conhecimento pode ser mais elevado do que o caráter virtuoso. Caráter é poder, para dizer a verdade. Para a pessoa que dedicou seus anos à aquisição do aprendizado mais elevado, o bom caráter constante é uma qualificação indispensável. Cada religião enfatiza essa mesma necessidade, não como uma condição especial de crença, mas como a base da vida espiritual e própria da conduta. Aqueles que conduzem suas vidas segundo essas linhas jamais serão prejudicados. Serão dotados de mérito sagrado.

As virtudes são os meios mais eficazes para purificar a consciência interna do homem em todos os níveis. Pois conduzem a pessoa a descobrir o que fazer e como. Somente aqueles que conquistaram um bom destino podem reivindicar sua excelência em termos de

discernimento. Ademais, a constância dessa determinação é o barco que pode transportar o homem através do oceano da existência e do medo, o Bhava Sagara. O homem virtuoso tem um lugar na região dos liberados. Qualquer atividade residual que o indivíduo seja forçado a realizar, o impacto dessa atividade não o atingirá, desde que seja um homem virtuoso. Poderá se fundir em Brahmam, a manifestação da Suprema Bem-aventurança.

Uma pessoa pode ter executado uma variedade de ritos e de sacrifícios Védicos; pode até expor o conteúdo de diversas escrituras sagradas que tenha dominado; pode ser uma pessoa dotada de prosperidade, possuindo grandes riquezas e fartas colheitas; pode ensinar os Vedas e suas disciplinas complementares com a devida exposição dos significados; mas, se essa pessoa não tiver nenhum caráter moral, não terá lugar na escola onde Brahmam é ensinado ou aprendido. Esta é a lição que essa Sutra transmite.

Pois o estágio da equanimidade, tão essencial para o progresso espiritual, só pode ser conquistado quando o intelecto está livre da mancha dos apegos e envolvimentos ilusórios. Sem essa serenidade, o intelecto ou Buddhi não pode prosseguir na trilha de Brahmam. Por quê? O termo virtude é somente outro nome para 'inteligência' que segue os impulsos do Atma, o Ser que é a nossa Realidade. Somente aquele que tem tal virtude pode obter a consciência do Atma, a Verdade. E, uma vez que essa consciência é obtida ele não mais será aprisionado pela ilusão ou pelo desejo; essas coisas não mais poderão atingi-lo.

Desejo, sujeição aos objetos desejados e aos planos para obtê-

los são os atributos do ser individualizado, não do Ser ou Atma residente no corpo. O sentido de “eu” e “meu” e as emoções de luxúria e raiva originam-se no complexo corpo-mente. Somente quando esse complexo é conquistado e superado, pode a verdadeira virtude emanar e se manifestar.

Os sentimentos de ser o “autor”, o “desfrutador”, o “agente da ação” podem parecer afetar o Atma, mas não são partes da natureza genuína do Atma. Os objetos são refletidos no espelho, mas este não fica marcado e nem sequer é afetado por esses reflexos. Permanece tão limpo como era antes. Do mesmo modo, o homem virtuoso pode estar sujeito a algumas atividades contaminantes, remanescentes dos seus atos em vidas anteriores, mas elas não podem estragar ou obstruir sua natureza ou suas atividades atuais. O Jivi ou indivíduo tem como seus atributos básicos genuínos: pureza, serenidade e alegria. Ele vibra com essas qualidades.

Um pássaro voando na imensidão do céu necessita de duas asas; uma pessoa que se move na terra, abaixo, precisa de duas pernas para levá-la adiante; um aspirante ansioso para alcançar a Mansão de Moksha, a Morada da Liberdade, necessita de Renúncia e Sabedoria; renúncia aos desejos mundanos e sabedoria para se tornar ciente do Atma. Quando um pássaro só tem uma asa, não pode erguer-se no céu, pode? Da mesma maneira, se o homem tiver somente a renúncia ou a sabedoria, não pode alcançar o Ser Supremo, Brahman. O sentido “do eu” é a atadura do apego ilusório. Quanto tempo pode um indivíduo se manter ligado ao que considera carinhosamente como seu? Algum dia terá que desistir de tudo que tem, partir sozinho e de mãos vazias. Esse é o inegável destino.

O indivíduo precisa desistir desses supostos relacionamentos e

apegos artificiais, através da análise rigorosa da natureza dos mesmos, abandonando-os tão rapidamente como possível. Isso é o que o mundo ensina como lição de renúncia. O apego produz o medo e o egoísmo. Somente o imprudente se renderia a tais fantasias mundanas. O sábio jamais se curvaria aos atrativos do desejo objetivo. Tudo é momentâneo, momentâneo. Tudo é passageiro, passageiro. Assim, eles procuram identificar a Verdade Eterna e aderem às virtudes imortais que o Atma representa. Esses são os verdadeiros homens virtuosos, candidatos dignos a alcançar Brahmam.

Nós podemos saber bastante sobre a natureza do Cosmos. Mas o instrumento de conhecimento que possuímos é o olho humano, não é? As ciências físicas descobriram muito, mas tudo foi descoberto pela mente humana, não é? Descrevem e analisam as coisas como são. Entretanto, por quanto tempo essas coisas existem como são agora? Estão sujeitas a modificações a cada momento. Mas, apesar da mudança inegável que afeta todas as coisas, o indivíduo tem notícia de uma verdade ou de um fato que não é afetado de modo algum. Esse princípio constante é a base em que as três fases¹⁵ são manifestadas. Esse princípio é Brahmam, a Base Eterna, o Inabalável, o Sathya, a Verdade.

O indivíduo pode hesitar em aceitar este fato e ser envolvido na dúvida, uma vez que não percebe o Brahmam básico; o que é realmente percebido são as Formas, com os seus respectivos Nomes, que estão em perpétua mudança. Considere o que acontece quando uma pessoa vê, durante a noite, o cepo de uma árvore; fica com medo de que seja um fantasma ou um ser humano bizarro. Não é

15. Essas “fases” que Baba citou podem ser diversas coisas: Passado, Presente e Futuro; Criação, Preservação e Destruição; Inércia, Ação e Equilíbrio, etc. Todos são conceitos ligados ao Universo em eterna mutação.

nada disso, embora seja percebido como uma dessas coisas. A razão para esse equívoco é “escuridão”. A escuridão impõe sobre algo, uma outra coisa que não está lá. Da mesma maneira, por causa da escuridão disseminada por Maya ou Percepção Incorreta, a Causa Primordial, Brahman, é velada, passa despercebida e o Cosmos é sobreposto a ela, como uma realidade perceptível. Esta visão enganosa é corrigida pela consciência desperta [Jnana] e convertida na visão do Amor Universal [Prema]. O Cosmos, do qual a Terra é uma parte e no qual nós estamos enredados, tem como sua causa básica, como o cepo está para o fantasma, o próprio Brahman.

Outros declaram que a causa para a origem do Cosmos [Prapancha] são fatores como a Natureza Inata [Svabhava], a Ordem, um Acidente, o Tempo, etc. Mas nenhuma dessas nem todas elas juntas pode ser a Causa. Pois não são todas inertes, incapazes de manifestar vontade ou iniciativa? Mesmo os seres individuais são limitados pelas algemas de alegria-sofrimento, crescimento-deterioração e nascimento-morte. Cada uma dessas alegadas origens é dependente e contingente. Assim, não podem ser aceitas como a Causa ou a Origem de Prapancha ou Jagath.

Esta Sutra, “Janmaadyasya Yathah”, tem o propósito de nos conduzir à descoberta da Base genuína para tudo que “é”, “foi” e “será”. Ele anuncia o Mahath Thatwa, o princípio Supremo que é a Causa do Ser se tornar o Vir a Ser e do Comportamento Ordenado do Universo. A física pode sondar a matéria e explicar como é formada; mas, não pode sondar e descobrir porquê é assim formada. Certamente, para cada efeito ou acontecimento, deve haver uma causa. Nem o átomo, nem o ser, nem a ausência destes podem ser reconhecidos como essa causa. O Sath, o ser, deve estar além do Sujeito e do Objeto; do Con-

hecedor e do Conhecido. Mas, quando nós precisamos delinear o Sath ou o Brahman, torna-se necessário usar palavras comuns, tais como Criador, Senhor, Providência, Deus e, também, Brahman.

Quando investigamos causa e efeito do ponto de vista do Cosmos, nós alcançamos a conclusão que Deus é a Causa, e o Cosmos ou Jagath é o efeito. Quando transcendemos a distinção entre o sujeito e o objeto, tornamo-nos cientes de que tudo é Pura Consciência ou Brahman e que este é tanto o fator primário quanto subsidiário. Quer dizer, é o Governante, ou a Ignorância Primordial. Isso invoca Brahman, Jagath e o mergulho em Brahman. É Maya que causa a ilusão de que um se origina do outro.

Há outros que afirmam que os dois - Maya e Brahman - são as causas gêmeas do Cosmos. Ainda outros afirmam que Maya é a única responsável.

Alguns outros afirmam que o Universo é uma manifestação de Vishnu e que tem seu ser no próprio Vishnu. Declaram que o surgimento, a subsistência e a fusão do Universo são todos causados por Vishnu.

Naturalmente, nada no Universo pode ser feito sem um fabricante. Qual, então, deve ser a natureza do fabricante do Cosmos? Ele deve ter poder ilimitado, glória ilimitada e perfeita onisciência. Não é possível a todos visualizar tal fenômeno, embora essa seja a verdadeira realização do propósito da vida de cada um! Pode-se, entretanto, concebê-lo e confirmá-lo por duas características: uma chamada Thatastha e a outra, Swarupa. Thatastha é a indicação provisória, limitada no tempo. Não pode conferir uma imagem ou visão correta. Pode somente revelar sinais e relances, aqui e ali. Swarupa significa a própria realidade em sua totalidade. É o resultado da iluminação da sabedoria intuitiva. Revela a imanente, a transcendente, a ilimitada fonte de tudo.

Cada entidade, artigo ou coisa no Universo tem cinco qualidades: Asthi, Bhatih, Priyam, Rupam, Naamam. Asthi significa “é”. Assim, a qualidade de ser é característica de tudo que é. Bhaathi significa “brilho”, luminescência. Algo que conhecemos é capaz de ser conhecido porque brilha: tem o poder de penetrar em nossa consciência. Então, temos a palavra Priyam. Tudo é capaz de ser usado e produzir benefícios e, por isso, torna-se querido, atrativo; afeição é o significado de Priyam. As duas outras características, Rupam e Naamam, de fato, mudam e podem ser modificadas. Todas as coisas parecem se submeter a alguma transformação e, freqüentemente, reassumem a forma original. São alterações aparentes das entidades básicas, que têm sempre as primeiras três características. O nome e a forma são superposições à realidade básica de “Ser”, “Iluminação” e “Alegria”. O divino é a base, a vontade divina é a superestrutura. As contas são muitas, mas a linha que as interliga e integra no rosário é uma só. Do mesmo modo, para o mundo inteiro dos seres vivos, Deus, o permanente, onipresente, Parabrahma, a consciência divina suprema, é a base. “Soham”, “Ele sou Eu”, “Eu sou Aquilo”; todos esses axiomas indicam que, mesmo aqueles que se diferenciam sob nomes e formas, são, de fato, Deus em Pessoa. Essa é a razão porque se proclama nos Vedas: “Aquele que conhece Brahman se torna o próprio Brahman”. Essa percepção é a consciência da Realidade.

A bolha originária da água flutua sobre ela e ali estoura, para tornar-se uma só com a água. Todos os mundos objetivos visíveis são como as bolhas que emanam do vasto Oceano da Divindade, Brahman. Estão nas águas e são sustentadas por elas. De que outros modos poderiam surgir e existir? Finalmente, fundem-se e desaparecem na própria água. Para sua origem, subsistência e fusão, dependem so-

mente da água. A água é uma só; as bolhas são abundantes. A água é real; as bolhas, aparências. A água é a base; as bolhas são formas ilusórias da própria água, impostas sobre ela.

O indivíduo é tomado de assombro por esta maravilhosa manifestação. Mas, nas eras antigas e nos cantos distantes do espaço, do emaranhado inerte e inconsciente da Natureza, o mistério da vida emergiu e proliferou em homens e em semideuses. Este é um fato sabido por todos e acessível ao conhecimento de todos. Mas, pode o inferior ser postulado como causa do superior? O inferior somente pode ser causa do inferior. Nós podemos dizer que aquilo que é inerte, no máximo, seja a causa da mente, que é também parte do complexo do corpo, mas somente a Vontade Divina pode ser a causa de toda a criação, possuidora das cinco características já mencionadas. De que outra maneira a mente complexa surgiu e se estabeleceu ninguém pode descrever.

A teoria é que todos os eventos no Universo seguem determinadas leis e normas. Isso nem sempre é auto-evidente, mas a física está tendendo a provar que é perfeitamente possível. A primeira Sutra indica o Supremo Universal, chamado Brahman. A segunda Sutra descreve o mesmo Brahman de outra forma, por outra faceta. A primeira estabelece a Verdade, a Sabedoria e a Liberdade (Satyam, Jnanam e Swatantra). A segunda Sutra estabelece o aspecto criativo de Brahman e declara que tal aspecto não pode ser limitado a este Cosmos em particular.

Cada um tem seu próprio Dharma ou características, especialidades, individualidade ou amor inatos. Esta regra se aplica igualmente às folhas de grama e às estrelas. O Cosmos não é um fluxo contínuo. Está progredindo persistentemente em direção a uma totalidade, em suas qualidades e circunstâncias. O homem também pode se transformar através do esforço pessoal e da avaliação de seu estado atual.

As forças morais que permitem o Cosmos certamente promoverão a nossa realização. Mas o homem está demasiadamente imerso na ilusão que a tudo permeia para tirar vantagem disso, a fim de se elevar. Não está ciente do caminho para a paz e harmonia do mundo. Não é capaz de manter o que é bom e evitar o mal. Não consegue se estabelecer no Caminho do Dharma.

“Aquilo” a partir do quê se dá o nascimento, etc. “disso”. AQUILO de onde emanou o Cosmos manifesto, com suas entidades móveis e imóveis, “Aquilo” que alerta, promove e estimula o seu progresso, “Aquilo” em quê, finalmente, tudo se funde - saiba que AQUILO é Brahman.

A Taithiriya Upanishad anuncia: “Yatho vaa imaani bhuthaani jaayanthe, yena jaathaani jivanthi, yath prayanthiyabhi samvisanthi, thad vijijnaasaswa thad Brahmethi”. Aquilo a partir do quê os seres se desenvolvem e dentro do quê se dissolvem é Brahman. Entre os Adwaitins ou Monistas que assim definem Brahman, há enormes diferenças e profundos conflitos de opinião com respeito à Causalidade do Cosmos. Alguns sustentam que Brahman é a Causa enquanto outros afirmam que o Cosmos é causado por Maya ou pelo jogo da ilusão. Outros ainda atribuem-no à operação tanto de Brahman como de Maya. Alguns outros declaram que se originou de Vishnu e que se funde em Vishnu, sendo protegido somente por Vishnu. Alguns dizem que a declaração sobre Brahman é somente indicativa, um indício para que se perceba o princípio por trás do Cosmos, um Thatastha Lakshana, por assim dizer. Brahman tem facetas e faculdades infinitas: causar a Criação, preservar o que é Criado e absorver tudo em Si mesmo, são indícios para percebê-lo.

Há outros que acreditam que a Mente é a causa da Criação uma vez que a matéria e todos os cinco elementos são meras estruturas

projetadas pela Mente e que esta, por sua vez, é uma transmutação de Prakriti ou Natureza Inerte. O funcionamento da Mente desafia explicações. Há uma Consciência Suprema que causou esta Criação. Todas essas são suposições ou teorias moldadas por vários pensadores, utilizando sua perspicácia intelectual. Os cientistas têm investigado de suas próprias maneiras e chegaram a diversas conclusões. Explicam que o Tempo foi a Causa da origem do Cosmos e o Tempo o sustenta e governa por meio da integração e desintegração. Assim, tudo é um efeito do Tempo e do seu controle. Alguns atribuem o processo inteiro à natureza interna das coisas e ao seu impulso para se multiplicar. Cada coisa manifestou sua natureza genuína à sua própria maneira e tempo. Por exemplo, uma semente de manga quando plantada, somente resulta em uma mangueira. Do ventre de uma tigresa, somente pode nascer um filhote de tigre, não um cabrito. Assim, percebemos que, desde as épocas muito antigas, várias teorias conflitantes foram propostas, sobre a origem da Criação. Não obstante, cada uma delas falhou em definir e apontar o quê é exatamente a Causa.

O Cosmos é uma maravilha, uma contínua fonte de perplexidade. Não pode senão impressionar alguém, não importa quem seja, como a maravilha suprema. Quando um objeto tem que ser feito, isso nós sabemos, é preciso alguém que tenha a habilidade, a inteligência, o poder – sakthi. “Sem um fabricante nada pode ser feito”. Então, como esses objetos que nos são visíveis - o Sol, a Lua, as estrelas, as constelações, seu brilho, seus movimentos - movem-se e comportam-se como fazem, sem um Projetista, um Fabricante, um Mestre? Pode-se atribuir isso a algum poder ordinário? Não. As pessoas inteligentes podem facilmente inferir, observando os objetos projetados e construídos com tantas capacidades e poderes, quão incomensu-

rável deve ser o poder do próprio Fabricante.

Observe a variedade maravilhosa na criação. Nenhuma coisa é igual a outra; nenhuma pessoa assemelha-se a outra. Isso só pode ser a lila ou o esporte do Fenômeno em sua glória ilimitada; Deus. Qualquer um pode compreender que nenhum poder menor poderia ser a fonte. Na base do mistério inerente da Criação, pode-se facilmente adivinhar o Poder Sem Igual que a criou. Aqueles que são incapazes de desvendar o mistério da Criação, jamais poderiam desvendar a natureza do Criador.

A Criação, ou Cosmos é a manifestação da Vontade latente em Brahman. Tudo isso é sankalpa – Vontade ou Plano de Deus. Os teóricos que moldam e propagam as outras explicações mencionadas acima estão somente desperdiçando seu tempo; os argumentos e os contra-argumentos são meros exercícios estéreis. Ou podem ser considerados como exposições da erudição dos pandits, ou ainda como ginástica intelectual dos instruídos. Não podem satisfazer aos anseios daqueles cujas mentes são puras e cujas consciências são esclarecidas. Tudo é causado pela Vontade Divina - esta é a firme opinião dos crentes. Cada um decida este problema em seu próprio nível de consciência; as Sutras mencionam esses variados pontos de vista e consideram sua validade. Pássaros que voam, alcançam alturas proporcionais ao poder de suas asas. Do mesmo modo, esses pensadores deram suas explicações sobre a Criação, continuação e colapso do Cosmos, com base na fé e na inteligência que possuíam. Porém, tudo de que se pode dispor como evidência ou prova, nessa investigação é, na melhor das hipóteses, somente características indicativas ou thatastha lakshanas. Essas características não conseguem nos levar muito longe. As características genuínas,

Swarupa Lakshanas, só elas podem revelar a Verdade. São elas: Sathyam, Jnanam, Anantam, Verdade, Sabedoria, Infinitude. A natureza genuína de Brahman é Verdade; o Eterno “É”. É a consciência Universal, Jnanam. É permanente, além do tempo e do espaço. E, esses atributos são imanentes em cada entidade, vivente ou não-vivente, no Universo.

As provas indicativas são sinais provisórios pelos quais se pode identificar alguma outra coisa ou pessoa que alguém deseje conhecer. Por exemplo, quando a Lua é apenas um pequeno arco no céu e alguém deseja vê-la, uma pessoa a indica, apontando seu dedo para ela. Ou, quando alguém deseja ver uma estrela em particular, outra pessoa diz: “lá está, logo acima desse galho de árvore”. A Lua está distante e a estrela é ainda mais distante. No momento em que a pessoa expressou seu anseio, foi possível ver a estrela logo acima do galho, mas aquela é somente uma posição provisória. Logo, a posição mudará. O dedo que a apontou não mais estará correto, porque a estrela ou a Lua se movem através do céu.

As características genuínas, ou Swarupa Lakshana, nunca se submetem a mudança. Elas estão em tudo. A forma pode sofrer mudança; o nome pode mudar. Os tempos podem mudar; o espaço ocupado pode alterar-se. Mas o núcleo da Verdade, o Swarupa Lakshana, não mudará. Esse núcleo é denominado Asthi, Bhaathi e Priyam em textos de Vedanta. A coisa é – Asthi: existe. A existência é a verdade imutável. Pode mudar sua forma e nome, no tempo e no espaço, mas a qualidade de ser é genuína. Ela se faz conhecida como existente, através da característica nativa de Prakasa ou Luminosidade, ou a capacidade de atrair nossa con-

ciência e conferir conhecimento - Bhaathi. Nós podemos conhecê-la, porque possui bhaathi; todas as coisas que conhecemos têm esta característica inata. Cada coisa também tem a característica da atratividade – Priyam; a capacidade de provocar apego ou amor, como resultado da sua utilidade.

Os três atributos acima são, juntos, a natureza de Deus. Tendo esses três como base, as formas são construídas pela mente e os nomes se seguem às formas. Entretanto, os nomes e formas são submetidos a modificações. São, por isso, denominados Maya - realidades relativas, superposições temporárias à Verdade básica. Paramatma, o Ser Único é a base sobre a qual se impõe tudo que tem nome e forma. O surgimento do nome e da forma sobre o Real é devido à atuação do princípio de Maya.

O nome e a forma, que são estruturas criadas pela mente sobre a base de Brahman devem ser considerados como provas indicativas da Verdade sobre a qual se erguem e desaparecem. Brahman só pode ser conhecido quando as características básicas são conhecidas - Swarupa Jnanam. Uma vez que se conhece Brahman, a consciência converte a pessoa, que a possui, no próprio Brahman. “Brahmavid Brahmaiva Bhavathi”. Esta é a garantia dada por Sruthi, os Vedas. Em verdade, tanto a base quanto as entidades que repousam sobre nela, a aparência e o Real são, ambos Divinos, causados por Brahman. Assim, se isso for estabelecido no conhecimento do indivíduo através da investigação – Brahma jnaasa, cumpre-se o propósito da vida.

Sathyam, Jnaanam, Anantham - este é o tripé sobre o qual Brahman descansa. A consciência de Brahman é a percepção da Verdade; o conhecimento de Brahman é a sabedoria; é ilimitado, infinito. De Brahma emanou Akasa (o espaço; o céu); de Akasa emanou Vayu (o ar); de Vayu, surgiu Agni (o fogo); de Agni, Jalam (a água);

de Jalam, Prithvi (a terra). Da terra cresceram as plantas doadoras da vida (Oushadha); de Oushadha, surgiu Anna (o alimento) e de Anna, surgiu Purusha (pessoas, seres humanos). O processo de Projeção está acontecendo nessa seqüência. Brahma, o primeiro, Purusha, o último. Assim, Purusha e Brahma estão intimamente relacionados.

SAASTRA YONITHWAATH¹⁶

Saastira Yonithwaath: “Brahmam é a fonte das escrituras e, conseqüentemente, tudo sabe”. As escrituras são expressões da verdade adquiridas por santos ao investigar a realidade. As palavras emanaram das inalações e exalações do Alento Divino. Elas não foram ouvidas de qualquer entidade encarnada, nem surgiram da imaginação de alguém. Por isso, são descritos como “impessoais” (A-paurusheya) e “eternas” (Saaswatha). De quem se originaram? A resposta é: de Brahmam e de ninguém mais.

Veda significa conhecimento sempre existente. Não tem começo nem fim. É considerado como “an-antha”, sem fim, pois é som, sagrado, sustentador, som salutar. Somente pode ser experimentado; não pode ser limitado nem comunicado. Dessa maneira é uma maravilha, uma fase sem precedentes da experiência pessoal de cada um. Desde que Brahmam é a fonte de tal conhecimento, é louvado como Onisciente, Onipotente e Onipresente.

“Saastira Yonithwaath”. Esta máxima transmite o significado de que é preciso recorrer às escrituras Védicas a fim de se conhecer Brahmam, pois somente elas podem revelar Brahmam e, também, que todos os Vedas conduzem o homem ao mesmo conhecimento. Além disso, as escrituras derivam sua validade e seu valor de Brahmam,

16. **Sastra:** a escritura; **Yonitvat:** como fonte de ou meio para o conhecimento correto.

pois Brahman é a verdadeira fonte da iluminação que elas contêm e conferem. Somente o Onisciente pode ser a fonte dos Vedas. Só as escrituras podem liberar o homem por meio dessa iluminação denominada conhecimento. Regulam a vida do homem e promovem-na, guardando-a do sofrimento. Os Vedas oferecem conselhos consoladores; tratam do homem de forma afetuosa e o fazem progredir, porque foram recebidos através dos personagens veneráveis que alcançaram o Conhecimento Mais Elevado, Brahman.

Brahman não pode ser compreendido por meio de provas ou argumentos. Está além da razão e do cálculo. Por isso é A-prameya. Não pode ser medido. É indefinível. Não se pode dizer que seja de um jeito ou de outro, por esta ou aquela razão. É incomensurável pelo tempo e pelo espaço, provam as escrituras. As provas usuais para a verdade são a percepção direta (Pratyaksha) e a percepção deduzida (Anumaana). Mas Brahman não pode ser percebido por estes dois meios. Os santos O experimentaram e O expressaram nas escrituras. Essa palavra (Sabda) é a prova mais firme. “Saastra” significa aquilo que traz à memória o que foi esquecido. Brahman é o verdadeiro ser de cada homem. Os Sastras (Diretrizes dos Conselheiros) dirigem e orientam a cada um. No entanto o homem se rende à ilusão e se identifica com a escuridão causada por valores falsos e apegos ao irreal, ao “eu” e “meu”. Mas, a escritura é mãe; não desiste. Persiste e insiste; lembra o homem da meta, a fim garantir que ele se salve.

Portanto, a máxima acima, “Saastra Yonithwaath” declara que os Sastras ou escrituras devem ser consideradas como a origem da percepção do incompreensível, incomensurável, inexprimível Brahman. Elas são ilimitadas, mas a vida é demasiado curta. Os aspirantes são muitos; as dúvidas e as hesitações são numerosas; a perseverança é fraca. Em con-

seqüência, ninguém pode reivindicar o domínio completo.

Naturalmente, não se necessita beber o oceano inteiro para saber seu gosto. Pode-se descobrir o gosto colocando uma gota na língua. Do mesmo modo, é impossível compreender todo o conteúdo das escrituras. Basta apreender a importante lição que foi elaborada e colocar essa lição em prática.

Essa lição é: pensamento constante em Deus, como disse Prahlada a Hiranyakasipu, seu pai, quando este o chamou para si e carinhosamente pediu que o menino o fizesse feliz, repetindo o que havia aprendido de seu mestre. Prahlada respondeu: “Eu aprendi a essência secreta de todo o conhecimento”. O pai estava satisfeito e pediu uma vez mais: “Diga-me essa coisa essencial que você dominou”. Prahlada disse: “Pai! Aquele que tudo ilumina, que ao final absorve tudo em Si mesmo é o UNO, Narayana. Mantê-lo sempre em mente e experimentar a felicidade que isso proporciona recompensa a pessoa com a realização”. O menino pronunciou o nome Narayana, que o pai detestava! Ele não parou ali e disse: “Pai! Você conquistou o mundo inteiro, mas falhou em conquistar seus sentidos. Como, então poderia receber a graça de Narayana? Essas habilidades materiais e conquistas mundanas são possessões vazias. Brahma Vidya, o conhecimento e a experiência do UNO, só isso merece ser alcançado”.

É um processo árduo para que o homem se torne ciente do UNO que é o seu núcleo. A pessoa é formada pelo alimento (Anna). O corpo material é o produto do alimento consumido. Mas no homem, há uma força mais sutil, uma vibração interna, denominada Prana ou alento vital. A mente (manas), dentro dele, é ainda mais sutil e, mais profundo e sutil que manas é o intelecto (vijnana). Além deste, nós temos em nós a camada mais sutil de Ananda ou bem-aventurança.

Quando o homem mergulha nesta região de Ananda dentro de si mesmo, pode experimentar a realidade, o Brahman, o UNO. Essa percepção é, certamente, a mais desejável.

Na Taithirya Upanishad, o Bhrgu Valli, que vem após o Brahmananda Valli, contém a história de Bhrgu, filho de Varuna. Este, ao ensinar ao filho o fenômeno de Brahman, diz: “Filho! Bhrgu! Brahman não pode ser visto através dos olhos. Saiba que Brahman é aquilo que permite aos olhos, ver e às orelhas, ouvir. Pode ser conhecido somente por meio de Tapas (anseio extremo em uma mente purificada e com o pensamento concentrado). Nenhum outro meio pode ajudar”. E ele acrescentou: “Querido Bhrgu! Saiba que tudo no Universo se origina de Brahman, existe em Brahman, desenvolve-se em Brahman, e funde-se somente em Brahman. Descubra isso você mesmo, por meio de Tapas”. O pai lhe deu somente essas indicações, antes de orientá-lo a começar os exercícios espirituais que, finalmente, revelariam a Verdade.

Com fé completa nas palavras de seu pai, Bhrgu se engajou em Tapas. O processo do autocontrole e da auto-investigação elevou sua consciência e ele acreditou que aquilo que havia compreendido naquele estágio era Brahman; decidiu que o alimento (Anna) era Brahman! Quando descreveu o que havia descoberto, seu pai, Varuna, lhe disse que sua resposta não era correta. Assim, continuou a prática de tapas e descobriu que o Prana (o alento vital) era Brahman, desde que, sem Prana, as outras coisas são vãs. Prana produz a vida, promove-a e põe fim a ela. Mas o pai disse que aquela dedução era bastante incorreta e mandou-o realizar mais Tapas. Desta maneira, Bhrgu passa por um terceiro período de austeridade, no qual descobriu manas como Brahman e mais tarde, um quarto período, quando reviu essa conclusão e acreditou que Brahman era Vijnana. Por fim, após ter-se sub-

metido a um quinto período de tapas, tornou-se ciente que Ananda era Brahman. Permaneceu na bem-aventurança dessa consciência e nunca mais procurou seu pai. O pai foi quem saiu em busca dele e o encontrou. Felicitou Bhrgu, que havia conseguido expulsar o mundo de sua memória. Ele disse: “Filho! Agora você viu Brahman; você se fundiu nessa Visão”.

O homem começa a vida como uma criatura de Anna (alimento), mas tem que marchar em busca da meta de ser uma incorporação de Ananda. Não apenas o homem, mas cada ser vivo começa no alimento e anseia alcançar o pico de Ananda. Todos os esforços, todos os empreendimentos são dirigidos à aquisição de Ananda. Todos nascem em Ananda, vivem para Ananda, morrem a fim de alcançar Ananda. A Taithiriya Upanishad elucida que Ananda é o impulso para o nascimento, o crescimento, a deterioração e a morte.

Entretanto, como pode Brahman ser Ananda? É dito que: “OM ithyekaaksharam Brahma”, o som Pranava OM, a única letra imperecível, é Brahman; o Cosmos é inteiramente composto do Pranava. Diz-se também: “Ayam atma Brahma”, “este Atma é Brahman”. Conseqüentemente, Atma, Brahma e Pranava - todos são o mesmo, sem distinção. Brahma Vidya ensina que o íntimo de cada ser vivo, o Atma, é o próprio Brahman, nada menos.

As Sutras revelam que o Universo exterior (que tem Brahman como base) e o Universo interno (o Antar-jagath) são idênticos e não podem ser diferenciados.

THATH THU SAMANVAYAATH

Thath Thu Samanvayaath: É claramente demonstrável que todos os axiomas Vedânticos postulam somente Brahman. As declarações dos Sruthis, quando estudadas em um espírito conciliador revelam

Brahmam e tornam conhecida sua Realidade. Adicionalmente, há a questão de se as Escrituras detêm ou não a supremacia das atividades ou da sabedoria. Embora o mistério profundo de Brahmam seja incomunicável aos demais, precisa ser identificado por algumas categorias de conhecimento ainda que sejam insatisfatórias. Ou, de outro modo, poderia permanecer além da percepção.

Há uma escola do pensamento que acredita que os Vedas colocam o karma (atividades, trabalhos) como meios de liberação e que a Vedanta (as Upanishads) não o fazem. Mas, as Escrituras ou os Sastras são destinados à orientação e conselhos, não à exclusiva adesão a algum sistema ou a outro. Advogar o karma ou atividades não é o objetivo principal das escrituras. Quando o indivíduo está ativo no karma, precisa realizar muitos trabalhos meritórios, os quais promovem a pureza da mente. Desde que o karma purifica a consciência, muitos discutem que os Sastras ensinam somente este como o único caminho, ignorando o fato que o karma (atividade) é somente um meio para chegar a um fim.

Nesse contexto, nós temos que prestar atenção a outro fato: os desejos do homem, suas necessidades, anseios, resoluções e caprichos, multiplicados e estimulados pelo Karma. Ademais, o impulso inicial para o desejo é Ajnana ou a Ignorância da Realidade. Surge naturalmente a dúvida: como pode a consciência obstruída se transformar na consciência desperta (Jnana)? A escuridão jamais poderia remover a escuridão, certo? Assim sendo, Ajnana nunca poderia destruir Ajnana. Isso só pode ser realizado por Jnana, a Percepção da Verdade. Esta é a máxima promulgada por Sankara. O mundo necessita demasiadamente de harmonia. Necessita da Consciência na mesma medida, não importa o quanto possa ser difícil transmitir

conhecimento de Brahman aos outros.

Diz-se que há uma diferença vasta entre o impacto de Brahma Vidya (o conhecimento de Brahman) e o impacto do karma. O mérito e o demérito, a felicidade e a miséria, são as conseqüências do karma. A felicidade alcançável pelo homem por meio do karma varia do nível de Manushya Loka (a região dos seres humanos) até o estágio o mais elevado de Brahma Loka (a região do Divino). Do mesmo modo, abaixo do nível da região humana, há as regiões onde a miséria se torna mais e mais profunda, mais e mais agonizante. Elas são relativamente irreais e não, absolutamente reais. A consciência e a bem-aventurança são, conseqüentemente, inatas, existindo por si mesmas. Isso está presente externamente. É a única Verdade imutável e inatingível. Não pode ser adquirida praticando-se prescrições e exercícios. O estado de liberação (Moksha) transcende o complexo do corpo-mente-ego. Conseqüentemente, a transcendência está além do esforço físico, mental ou intelectual de alguém. Quando a consciência desperta, a escuridão de Ajnana desaparece. Quando a lâmpada é acesa, a escuridão não está mais lá.

Há alguns que discutem que não é completamente justo declarar que o conhecimento de Brahman como única verdade, não pode ser obtido pelo esforço pessoal. Sankara reconcilia esse ponto de vista com a sua tese principal já mencionada. A Jnana de que o indivíduo é realmente Brahman e nada mais, está latente na consciência de cada um, mas não se pode reconhecê-lo e estabelecer-se firmemente nele por meio do karma ou da atividade, ou mesmo por Vichara, a investigação erudita. O karma somente pode prender ainda mais, porque trata da diversidade como se fosse real; não pode afrouxar os laços e liberar o indivíduo. Pode, no máximo, purificar as paixões e as emoções. Vichara

pode, no máximo, esclarecer o intelecto e indicar os critérios de Jnana. Somente Brahma Vidya pode liberar o homem da escravidão. Por isso se aconselha a não desenvolver demasiado apego ao karma.

Entretanto, nós encontramos os Sastras, de vez em quando, discorrendo sobre o valor do karma. Os Sastras são tão afeiçoados a nós como a nossa mãe. Ensinam lições como a mãe às suas crianças, de acordo com o nível da inteligência e com as necessidades do tempo e da circunstância. Uma mãe de duas crianças dá àquela que é completamente forte e saudável todo tipo de alimento que ela queira, mas toma grande cuidado para que a outra criança, que é frágil, não coma demais e receba somente itens que possam restaurar logo a saúde. Podemos nós, nesse contexto, acusá-la de ser parcial com uma criança e preconceituosa quanto à outra, no amor que lhes dedica? Os Sastras também chamam a atenção daqueles que sabem o segredo do karma para o seu valor. Pois, o karma ou trabalho, pode melhorar a vida e corrigir seus ideais. Cada um deve ser instruído sobre como transformar o trabalho em atividade benéfica. Ainda assim, o karma não é tudo.

A vida humana dura apenas um momento; é uma bolha na água. Em cima desta bolha efêmera da vida, o homem constrói para si mesmo uma estrutura de desejos e apegos. A sabedoria o adverte que tudo pode desmoronar ou se desintegrar a qualquer momento. O Atma supremo, o Paramatma, que é desapegado e livre de encarnação, assumiu um corpo e se tornou homem. Visto em termos grosseiros, o corpo é um envoltório material formado pelo alimento consumido, o Annamaya Kosa. Dentro desse invólucro, encontram-se as camadas sutis do Alento Vital ou Prana, a camada mental, a camada do intelecto e a camada mais interna de todas - da Bem-

aventurança, o Anandamaya Kosa.

Essa Sutra (thath thu Samanvayaaath) revela que a investigação espiritual ou Vicharana tem a ver com a viagem da camada básica de Annamaya até o estágio e à natureza de Anandamaya. Entretanto, o grosseiro tem dois aspectos - a estrutura dependente e a base independente.

Nas crenças espirituais atuais da humanidade, não pode se encontrar em qualquer lugar um fator harmonizante, um samanvaya. Os princípios de coordenação e reconciliação têm que ser expandidos e ensinados. Embora haja religiões com nomes separados, e as doutrinas sejam distintas entre si, do ponto de vista humano todos são homens. A Sutra esforça-se para enfatizar o núcleo comum. Infelizmente, as diferenças aparentes entre as religiões subverteram a cordialidade entre todos os homens e o sentimento de irmandade internacional. A experiência e a sabedoria dos grandes santos que desvelaram o mistério do Cosmos, e seu sentimento de amor universal não são apreciados, aceitos e respeitados pelos homens de hoje em dia. Todos os dogmas religiosos exceto uns poucos, podem facilmente ser harmonizados e reconciliados. O mesmo Deus vem sendo louvado e adorado sob vários nomes, através de variados rituais cerimoniais, nas muitas religiões do homem. Em cada era, para cada raça ou comunidade de povos, Deus enviou profetas para estabelecer a paz e a boa vontade. Uma vez que, na atualidade, muitas religiões se espalharam por todo o mundo, elas perderam seus sentimentos fraternais e sua validade sofreu por causa disso. Há uma necessidade urgente de harmonia. Todos os grandes homens são imagens de Deus. Eles formam uma única casta no reino de Deus; pertencem a uma só nação, a Divina Sociedade. Cada um deve se interessar em compreender as práticas e a opinião dos outros. Só então, com a mente purificada e o coração amoroso, cada um conseguirá alcançar a Pre-

sença Divina na companhia dos demais. O princípio da harmonia ou Samanvaya é o próprio coração de todas as religiões e fés.

IKSHATHER NAA SABDAM

Os Vedas afirmam que Brahman é a causa primordial de Jagath (Cosmos). Não postulam nenhuma entidade inconsciente (achetana) como a causa. Sabdam, a Voz de Deus ou do Veda, não apóia o ponto de vista da inconsciência como origem da Criação. Ao contrário, afirma que o Ser (Sath) resolveu transformar-se, vir-a-ser; tomou uma decisão – Sankalpa. Resolução, decisão, projeto - são atos conscientes; as entidades inconscientes são incapazes de tais exercícios de vontade. Brahman, que é Todo-consciente, precisa, conseqüentemente, ser aceito como a causa primordial.

O inconsciente ou achetana é denominado Pradhana. Os Vedas não falam sobre isso. É o que essa Sutra revela muito claramente. Pradhana é o nome pelo qual se designa, em algumas escolas filosóficas, o Fluxo de Nomes e Formas, ou seja, Jagath ou Cosmos. Outras escolas a ele se referem como composto de átomos ou Prakrithi (Criação). Outros dizem, a título de louvor, “Tu és a Vontade Total, o Ser Absoluto, o Paramatma. Por Tua causa toda esta diversidade é projetada”. Outros discutem que os três gunas ou qualidades são os ingredientes fundamentais, os quais, através da preponderância de um ou de outro, produzem a diversidade na Natureza.

Esses pontos de vista não são endossados pela autoridade Védica. Os Vedas sustentam que Brahman quis e a Criação emergiu. Aquela Vontade é o prólogo, o ato preliminar. A escola Sankhya postula o Pradhana e baseia a Criação nos Gunas. Quando os três Gunas

(Sathwa - Serenidade; Rajas - Atividade; e Tamas - Passividade) estão bem balanceados e em equilíbrio, nenhuma decisão consciente pode surgir, dizem os Sankhyas. Esse estado precisa receber o impacto de um Purusha que seja a Testemunha e que seja Consciência ou Percepção; em outras palavras, o impacto da Vontade de Deus. Isso torna o Pradhaana perceptível e conhecido.

Considerando cada uma dessas teorias, a conclusão mais correta é que Brahman é a Causa Primitiva. Naturalmente, a verdade mais elevada acessível não é o Brahman Sem Atributos, Sem Qualidades, Intangível, Inexplicável. É o Saguna Brahman, o Brahman perceptível através das Qualidades que impôs a Si mesmo. Este Cosmos, composto do Consciente e do inconsciente, é o Corpo que Ele assumiu.

O indivíduo precisa ser dotado de Consciência (Chaitanya) de modo que possa cometer ou se omitir, fazer ou desistir de fazer, as ações que sente que deva realizar. O que tem que ser feito hoje ou iniciado até amanhã, quais colheitas têm que cultivadas no ano que vem - tais pensamentos, planos e projetos somente surgem no campo da Consciência e não na pedra e madeira ou nos montes e vales inconscientes. Querer é o sinal da Consciência; aquilo que não a tem, não pode querer.

Quando surgiu a Vontade, Brahman transformou-se em Iswara, Deus. E apenas por aquela Vontade, Deus criou o Cosmos ou Jagath. Do ponto de vista superficial (Sthula Drishtī), Deus e Jagath aparentam ser distintos. Mas, quando examinados com introspecção sutil (Sukshma Drishtī), descobre-se que não há uma distinção fundamental entre o material (padaarth) e o Fabricante (Param-aartha), a unidade viva (Praani) e o Princípio da Vida (Praana). O Princípio da Vida impõe um corpo a si mesmo e aparece como Praani; e, então, de Praani, Praana emerge.

As escrituras Védicas tratam do Princípio de Brahman e de Suas

manifestações. Dão ao homem o tesouro da sabedoria e da experiência intuitiva dessa riqueza (Jnana e Vijnana). Mas, com a passagem do tempo, os hinos, os versos e as fórmulas sagradas (Mantras) foram interpretados ritualisticamente. Louvados e expostos como úteis para alcançar objetivos materiais e do além. Ritos executados com a recitação dessas fórmulas foram considerados como Karmas benéficos. De fato, não há nada no Cosmos separado ou distinto de Brahman. Tudo emanou de Brahman, tudo é absorvido (laya) em Brahman, e tudo se move e tem existência somente em Brahman.

Esta verdade é esclarecida pela Sutra Thajjallaath: Thath (d'Aquilo)... Ja (nasce)... La (absorve)... Aath (cresce). Esses são os quatro pilares sobre os quais a proposição se mantém e foi estabelecida. O nascimento, o crescimento e a morte compõem um Yajna ou um Sacrifício do Purusha, a Pessoa.

O Cosmos (Prapancha - o Composto de cinco elementos) emanou do Ser Total, do Paramatma, Brahman. Não há um ponto em qualquer lugar onde Sua manifestação não está. Jagath está sempre em movimento; o Senhor do Cosmos (Jagadiswara) é o motor. O amor mundano não é amor genuíno; o amor do Atma é a fonte de todo tipo de amor. a Upanishad anuncia que este foi o ensinamento que Yaajnavalkya deu a Maitreyi. "Aatmanastu Kaamaaya sarvam priyam bhavati" (É para o Atma de cada um que tudo é querido). O amor ao Ser é fundamental; o amor por outros objetos é secundário. Se alguém amar outro, isso não pode ser chamado de amor. O ser anseia por Ananda e ama por causa da Ananda que obtém assim. Anuraaga – afeição ou amor flui do ser para o ser. Assim, quando se compreende que a Realidade Átmica é a Fonte (dessa afeição), nós podemos compreender que tudo acontece através da Suprema Consciência, Brahma Chaitanya.

Chara e Achara (as aparências móveis e imóveis, o que é ativo e inerte) são ambos queridos pelo Divino (Daiva sankalpa). Essa Vontade é Chetthana, um ato consciente; não é A-chethana, uma forma de inércia. Essa é a verdade revelada por esta Sutra - Ikshather naa Sabdam.

Quaisquer que sejam os argumentos e contra-argumentos que alguém proponha, a verdade de que Daiva Sankalpa é a raiz de tudo permanece incontestável. Essas pessoas estão iludidas pelas aparências ou estão tentando somente sustentar suas fantasias mais queridas, evitando investigações mais profundas.

O corpo humano é um apoio, um receptáculo (aalam-banam) para o Atma. Os elementos como a água e o vento estão intimamente ligados ao corpo. Conseqüentemente, o princípio do Atma, o Princípio de Brahma, que é o núcleo, não são percebidos. O homem perdeu a consciência desse Princípio ou Thatva, que é a sua Verdade. Ele está no corpo, mas não pertence ao corpo. É o A-sarira Thatva, o Princípio que não pertence ao corpo embora esteja ativo nele. Isso é o Atma.

O Atma dá aos olhos capacidade de ver e, às orelhas a capacidade de ouvir. Como, então, podem os olhos ver o Atma ou as orelhas ouvi-lo? Os olhos e as orelhas são sustentados (Aadheya); A Consciência Total (Sarva Chaitanya), o princípio de Brahman, o Atma, é o Aadhaara, o sustentador. Esse é o real “Você”, a Vontade, o Sankalpa.

Os elementos (espaço, vento, fogo, água e terra) que constituem o cosmos operam somente conforme o estímulo da Sabedoria Suprema (Prajnana). Os deuses (Devathas) ou os Iluminados somente são luminosos por meio dessa Sabedoria que os energiza. O mundo inteiro de seres vivos (Praana Koti) é sustentado por esse mesmo Prajna. O que é fixo e o que é móvel (o Sthaavara e o Jangama)

são ambos firmemente baseados em Prajna. A Sabedoria Suprema é Atma; a Sabedoria Suprema é Brahman. A Sabedoria Suprema é o Loka, o Visível, o mundo objetivo. O Cosmos é Prajna, em toda a sua extensão; Prajna é a Chaitanya que enche o Cosmos (Prapancha).

Os Vedas afirmam que o Brahman é a causa do Cosmos (Jagath) usando a palavra “Sath” para denominar isso. Sath é o “Ser Sempre Consciente”. Os Vedas não falam de qualquer coisa que seja “não consciente” ou A-chethana. Tudo é Chethana, tudo É, tudo é Brahman.

GUNASCHENNAATHMA SABDAATH

“Atma sabdaath”: Uma vez que se usa a palavra (sabda) Atma, a “ikshathe” ou projeção (mencionada na sutra anterior) deve ser a função do Atma. O fogo ou a água são produtos, efeitos da Vontade. As palavras “projeção” ou “manifestação” não podem ser interpretadas em um sentido secundário ou figurativo (gaunah). O Atma é indicado exclusivamente como a entidade primordial no Sruthi ou Veda. O impulso ou a resolução é algo que acontece no próprio Atma, não em qualquer outra entidade. Todo o Cosmos cognoscível era apenas Sath ou Ser. Qualquer forma que tenha assumido no decorrer do Tempo e nos limites do Espaço, tudo isso é, na realidade, apenas Sath, ou seja, Atma! Esta é a lição que o Veda ensina.

Nada é inerte, inativo: jada. Pois nós encontramos, de vez em quando, a palavra Atma aplicada para denotar até mesmo Pradhana, ou a Matéria Primordial, Mula Prakrithi. Pradhana é o instrumento que cumpre a vontade da Consciência Soberana ou Purusha, o Ser

Supremo. Sendo operada por Purusha, que é a causa, Prakrithi ou Pradhana também possui em si o atributo da consciência.

O indivíduo ou Jivi, acreditando que está separado do todo, do Universal, está sujeito a desejo e desespero, amor e ódio, tristeza e alegria. É atraído pelo mundo de nomes e formas. Tal pessoa é caracterizada como “presa”, baddha. Por isso, sua necessidade de liberação é urgente. E, para ser liberada deve desistir de sua dependência e apego a Prakriti. O cego não pode ser salvo por outro cego. O desamparado não pode ser ajudado por outro desamparado. Como pode um homem, ele mesmo desamparado e indefeso, remover a pobreza, o sofrimento e a dor de outrem? Os pobres devem se aproximar dos poderosos, dos ricos. Os cegos devem procurar a orientação de uma pessoa que possa ver. Aqueles que são limitados e cegos pelas dualidades de Prakriti precisam buscar refúgio no tesouro inesgotável de Compaixão, Poder e Sabedoria que é o Divino Atma. Então será possível ao indivíduo libertar-se do desamparo, do sofrimento e desfrutar da riqueza de Ananda; ele poderá alcançar a Meta da Existência Humana.

Essa consumação é alcançada, a consciência Átmica é obtida pela graça de Brahman. Onde o Atma deve ser procurado? Onde reside o Atma? Como se pode conhecê-lo? Adorar as coisas aparentemente desprovidas de consciência como manifestações da Consciência Soberana ou Atma, ajuda no processo. Somente os buscadores espirituais que estão firmemente apoiados no Brahman sem forma, sem

atributos, podem genuinamente entender o Princípio do Atma. Mas, mesmo a manifestação Saguna¹⁷ tem a Realidade do Atma em plenitude. Há muitos exemplos para ilustrar esta verdade. Brahma Vidya é outro nome para compreender e experimentar o Atma como Brahman, o Individual como o Universal.

Todos têm direito a Brahma Vidya. E, cada homem passa através de quatro estágios nesta busca, cada dia de sua vida. Eles são, de acordo com o Veda, o estágio desperto, o estágio do sonho, o estágio do sono profundo e o Thuriya, o quarto estágio. Eles são demarcados como estágios ou etapas uniformes. No primeiro, o indivíduo está acordado para o mundo objetivo e é orientado para fora. O olho vê os objetos no Universo; os sons são ouvidos; os sentidos podem cheirar e provar e tocar. A vida é vivida em total contato com a sociedade.

Os cinco órgãos da percepção; os cinco órgãos da ação; os cinco pranas ou ares vitais; os quatro instrumentos internos: a mente, o buddhi ou faculdade do discernimento, o nível de consciência e o sentimento de ego, são os dezenove meios de contato e impacto que fornecem ao homem, durante o estágio desperto, a experiência de dor e alegria, ganho e perda, sucesso e falha em suas formas grosseiras. Desde que a pessoa se identifica com o complexo grosseiro do corpo neste estágio, as experiências também são grosseiras.

A região do sonho é diferente. Lá, o ser tem sua face voltada para dentro, Antharmukha. As reações, respostas e experiências são todas contidas no ser. Não pertencem à área externa a ele. Pode haver dez outros que dormem no mesmo quarto; ainda assim, cada um tem seu próprio sonho. A experiência onírica de cada um não

17. Refere-se à Divindade manifesta, dotada de Atributos (Gunas). Deus com Forma e Nome definidos.

tem qualquer relação com a dos demais. Cada um é perturbado ou deleitado apenas por seu próprio sonho. O sonhador não é afetado por circunstâncias exteriores. De fato, o mundo externo está além da percepção de quem sonha. Durante o estágio de sonhos, a pessoa cria um mundo extraído de sua própria mente e vivencia as experiências que ele proporciona. Embora os objetos percebidos sejam imaginários, os sentimentos e as emoções como alegria e sofrimento, amor e medo são tão reais quanto no estágio desperto. Os dezenove instrumentos de contato e impacto estão atuantes mesmo durante o sonho. Não agem materialmente ou fisicamente; operam apenas através da mente, porque esta tem uma luminosidade que produz as imagens. Esta é a razão porque esse estágio é denominado *Taijasa*¹⁸ (de *Tejas*, que permite a alguém formular, etc.). *Tejas* permite ao indivíduo formular e projetar qualquer forma, o som, o gosto etc., conforme queira. O estado de sonhos é a segunda etapa ou estágio na aquisição, pelo ser, de sua própria consciência.

O próximo estágio é o sono profundo ou *Sushupti*. Este estágio está livre até mesmo dos sonhos. A pessoa está entregue a um sono isento de perturbações. Não está consciente de seus membros, ou dos sons, cheiros, formas, do gosto e das sensações de tato. Toda a atividade está submetida à mente e está nela em estado latente. Toda a experiência é absorvida pelos níveis mais elevados de consciência, *Prajnana*. Não há nenhum sentimento de separação, ou identidade, de particular ou universal, de parte ou todo. Não há experimentador ou experiência. Há

.....

18. *Taijasa* pode ser traduzido como saído da luz, radiante, luminoso e descreve o que se chama de ‘corpo mental’ – daí Baba dizer que mente ‘tem uma luminosidade’. *Tejas*, a palavra original significa brilho, fogo, sinônimo de *Agni* – um dos cinco elementos.

somente o Atma no qual a pessoas se funde temporariamente.

Então vem o Thuriya ou a quarta etapa. Aqui, o Vyakthi ou indivíduo não mais se encontra. Alcançou a Verdade Básica da vida e da Criação – O Onipresente, todo-inclusivo Atma, a Paz e o Poder do primeiro e único Império Átmico. Aqueles que alcançam esta etapa não têm mais qualquer interesse pelo ser individual. Não se pode afirmar tampouco que essas pessoas possuam ou não conhecimento, pois se encontram constantemente imersas na mais elevada Felicidade.

O Atma em que se fundiram é invisível ao olho. Não pode ser agarrado ou mantido nas mãos. Só se pode saber que Existe e que é Bondade, nada mais. Todos os impulsos que arrastam a pessoa para o mundo objetivo precisam ser eliminados, antes que a fé no Atma possa criar raízes.

As quatro etapas da consciência Átmica são muito parecidas com as quatro etapas da recitação do OM. Os sons A.U.M e o Matra¹⁹ final corresponde às etapas já mencionadas de acordar, sonhar, dormir e fundir-se. O Atma é evidente na mente; no sono profundo, ele repousa no coração; no quarto estágio é todo o ser.

Para resumir, pode-se dizer que em todos os estágios da vida diária, em todas as circunstâncias e condições, em todas as atividades e experiências, o Atma existe em todos os seres. Tudo é Atma, Atma é o Todo - o Cosmos se manifesta como Um pelo Uno, isso é o que a Sutra revela. Sem a consciência desta unidade, não pode haver alegria e paz. Sem paz e alegria, a Verdade é um conceito vazio. Conseqüentemente, o indivíduo deve conhecer o Cosmos como algo Pleno: Purna. Ele não é um vácuo ou um vazio. É o próprio Atma.

19. Matra é compasso, intervalo de tempo – aqui, refere-se à pausa que se segue à recitação dos três fonemas do mantra.

HEYATHWA-AVACHANAACHCHA

Quando se conhece a causa é possível conhecer todas as conseqüências. O Universo inteiro, quer dizer, o móvel e o imóvel, tudo que se formou a partir dos cinco elementos primordiais, por essa razão, denominados Prapancha²⁰, foi projeto da Vontade Divina. É uma conseqüência de Bhagavath Sankalpa, a Vontade de Deus, que é a Causa. Nenhuma conseqüência pode acontecer sem uma causa precedente. A causa tem, entretanto, dois aspectos, a causa material (Upaadaana Kaarana) e a causa eficiente (Nimitta Kaarana).

A causa material é preliminar; anterior ao produto. É base total, o todo em que o produto repousa. Considere um copo de prata, por exemplo. O copo não tem existência separada da prata. Quando a prata, que pode ser moldada em um copo, está ausente, o produto também está ausente. A prata é a causa material. Ou seja, antes que a forma (Rupa) “se torne”, o “Ser” é e deve ser. O copo é a forma imposta à prata pela causa eficiente, Nimitta Kaarana. É conseqüência da arte; é artificial. A prata é a causa preexistente, a Upaadaana Kaarana. Um artesão prepara o copo. Uma vez que o copo está pronto, o artesão não mais tem nenhum vínculo com ele. Mas, o copo e a prata terão afinidade para sempre.

Deus é a causa material da Criação, do Cosmos, do Universo. É a substância, a base, a Upaadaana Kaarana. É, também, a causa eficiente, a Nimitta Kaarana. É transcendental e fenomenal, tanto Ser quanto Tornar-se. Como a prata no copo, o Cosmos é Deus em sua totalidade. Ele Se manifestou como tudo isso. Quis Tornar-se

20. Pra = supremo, superior; pancha = cinco.

tudo isso. Em cada coisa (Padaartha), Ele, o Paraatha, a Verdade Suprema, é imanente. Na ausência desta Verdade Mais Alta, nenhuma Padaartha pode existir. Cada coisa se sustenta na Realidade que a tudo envolve. Esse mistério maravilhoso está além da percepção do homem. Sua inteligência não pode desvelá-lo. Com sua visão distorcida (Ku-darsan), ele somente vê o Nome-Forma, a Aparência. Está iludido e confuso. É sacudido por gostos e desgostos, prazer e dor, euforia e depressão. Está ciente apenas dos muitos irreais, que desfilam com nomes e formas diversas.

A visão correta (Sad-darsan) o faz ver esse Uno nos Muitos. Revela a Unidade na Diversidade e confere prazer supremo porque, o indivíduo se torna ciente do Uno Imanente na multiplicidade, a Verdade Suprema, o Parathathwa. Liberação (Moksha) é a conquista desta Consciência, dessa intimidade com Brahman. Cada um dos seres vivos precisa alcançar esta consumação, este objetivo, Brahman. Esse é o seu destino verdadeiro. Mais cedo ou mais tarde, o impulso para se libertar das cadeias da dor e da alegria e das amarras do “eu” e do “meu”, despertam e emergem. O caminho que então se inicia, inevitavelmente conduz a Moksha. Procurar esse caminho é o sinal da pessoa inteligente.

Em vez dessa busca, quando o homem considera o mundo objetivo como tudo que importa e se sente atraído pelo seu encanto, sua vida se torna estéril e sem consequência. A natureza é a manifestação da matéria (Padaartha Swarupa). O indivíduo deve ser atraído à Pessoa que projetou o Princípio que sustenta a Natureza, o processo de manifestação. Que benefício pode obter um desamparado se procurar outro desamparado? Como pode uma pessoa presa libertar outra que também está amarrada? Quando a pessoa que está presa confia em quem não está amarrado, pode se livrar de suas cadeias

e mover-se livremente. Quem está mergulhado em profunda tristeza deve procurar o refúgio em quem está flutuando em Ananda, cheio de alegria. A escravidão mantém o homem mergulhado em sofrimento todo o tempo; o Senhor é a Felicidade total personificada. Conseqüentemente, somente se pode ser completamente curado da dor, recorrendo à fonte inesgotável do Prazer, o Senhor. E, o que é exatamente Moksha? E liberação da dor; ausência de dor (Duhkha Vimukthi; Duhkha Nivritti) e conquista de Bem-aventurança (Ananda Praapti). Paramatma, O Ser Supremo, o Soberano Senhor é a Encarnação da Doçura Indivisível (Rasa), a caixa-forte da Bem-aventurança (Ananda Nilaya). Então, aqueles que procuram alcançam Sua graça; conquistam a própria Eternidade.

A Eternidade assim conquistada não tem lugar para as percepções sensoriais de som, toque, forma, gosto e cheiro. Não tem princípio nem fim. O Homem deve, firme e gradualmente, se esforçar para conquistar essa vitória. Deve prosseguir passo a passo, do grosseiro ao sutil, do sutil ao causal e, do nível causal, deve finalmente se fundir com a Causa Principal. Ou seja, a viagem espiritual deve ser de Sthula para Sukshma, de Sukshma para Kaarana e, do nível de Kaarana, o indivíduo deve fundir-se no Mahaa-Kaarana. Esse é o caminho normal.

Entretanto, os seres humanos comuns se esforçam para obter felicidade material e prazeres exteriores. Não procuram a Ananda que o Atma, sua realidade interna, pode conceder. Perdem a grande oportunidade de experimentá-la e tampouco tomam qualquer iniciativa apropriada para essa finalidade. O tempo todo, sua atenção é dirigida somente para o mundo externo. Não se volta para dentro. “Pasyathi ithi pasuh”. Pasu (animal) tem esse nome porque “olha para fora” (pasyathi). Olhar para fora é a característica dos animais, não do

homem. Os importantes órgãos da percepção sensorial no corpo humano - o olho, o nariz, a língua etc., são todos abertos para fora, a fim de contatar objetos externos; assim, se pode concluir que o impulso físico, o ponto de vista do corpo (dehadrshti) é todo externo.

O mundo interno não é tão facilmente acessível ao homem como é o mundo exterior. Talvez, somente um entre muitos, um em milhão, contata e conquista essa realidade Átmica interna por meio da visão interior. Esse é o homem sábio (o Jnani). A pessoa nascida com o sentimento da missão verdadeira da vida humana tem que conquistar o objetivo, a Meta de ananda, a Felicidade eterna e fundamental. Essa é a realização suprema que torna a vida válida, significativa e digna de ser vivida.

De fato, o mundo externo e o mundo interno não são distintos e distantes. São indissolivelmente unidos um ao outro (Avinaa-Bhaava Sambandha). A crença do homem comum é que o corpo é o meio com que se vê e ouve, se experimenta e sente prazer. Não! Há outra força, que governa e regula os sentidos, a mente e o intelecto. Essa força é o Atma. A Sutra orienta o homem a perceber isso e, com essa consciência constante em si, contatar o mundo através dos sentidos, da mente e do intelecto.

A chuva que cai na encosta da montanha desliza para diversos vales e flui em córregos turvos. A mesma chuva, caindo nos lagos de água fresca ou no remanso límpido dos rios, permanece pura e límpida. Os sábios que estão cônscios de sua Realidade Átmica se transformam em representantes da pureza, equanimidade e caridade. Estão sempre com a plena consciência do Atma, que é o seu núcleo mais interno. Na consciência pura dessas pessoas, há a experiência da identificação. Os gostos e desgostos, o sentimento de ego e posse, ansiedade e

calma, euforia quando elogiada e depressão quando criticada – nada disso pode contaminar ou agitar uma pessoa que alcançou esse estado. Esses opostos se tornam equilibrados e são aceitos com equanimidade, como ondas na Consciência Átmica. Essa é a autêntica atitude do Atma, o olhar interno de Brahman, a visão unitária.

SWAAPYAYAATH

“Swa” significa “em si mesmo”, quer dizer, “em Brahman”. “Apyayaath” significa “uma vez que mergulha em”. Os dois termos transmitem o seguinte significado: dizem-nos que “desde que se diz que o Jivi individual se funde em Brahman”, o que acontece ao Jivi durante o sono profundo e sem sonhos é que este reassume sua verdadeira natureza, Sath ou Ser. Uma vez que o ser alcança o Ser que é ele próprio, então ele é o Atma e nada mais. O Atma que aparenta estar enclausurado em nome e forma descarta-os e se funde no Atma Universal. A onda mergulha no oceano. Tinha-se tornado; agora é somente Ser, Sath.

O núcleo de todos os textos e ensinamentos de Vedanta é esta verdade:

Brahman é tanto a causa material quanto a causa eficiente de Jagath, o Cosmos, que aparece e desaparece (Ja e Ga).

Brahman é único e absoluto, razão pela qual nada há no Cosmos que esteja separado de Brahman, desprovido de consciência. Não existe nada que seja jada, inerte ou inativo. Brahman é, de acordo com as escrituras (Sruthi) e textos de Vedanta, não apenas Sath, mas também Chith, consciência, percepção.

O sono é muito necessário para todo ser vivo. Sem sono, o homem não pode viver, assim como outros seres. De todas as alegrias que o

mundo fornece, o sono é a mais compensadora. Todo o resto é árido e seco, trivial e inútil. Quando um ser vivo dorme, os cinco alentos vitais - Prana, Apana, Vyana, Udana, Samana – funcionam junto com os cinco fogos do corpo, mantendo o calor. A inalação e exalação da respiração prosseguem serenamente, como o Samana em uma série Védica serena. O ar vital “Prana” age como o fogo aahavaniya do rito Védico (fogo consagrado que queima perpetuamente em casa). Energiza-nos da mesma maneira constante. Vyana é como o Dakshinagni aceso no lado sul do altar do rito Védico. Udana ajuda a mente a “alcançar o Brahma-loka que a pessoa conquistou por seu karma”, ou seja, permite à pessoa experimentar o sabor da fusão com o Supremo, pois aquilo que descansa no sono, alegra-se durante o sono, renova-se pelo sono e deriva felicidade do ato de dormir é o Jivi, o Atma encarnado. O Jivi é a deidade instalada no altar do corpo, seu templo. O Jivi experimenta tudo que é visto, ouvido e contatado pela mente no mundo exterior, bem como o impacto de tudo que não poderia ver, ouvir ou contatar pela mente. Além disso, o Jivi é capaz de construir e experimentar durante os sonhos e testemunhar experiências vividas durante vidas anteriores. Depende das atividades registradas na mente de cada um. Ou ainda, pode acontecer da pessoa descartar de uma só vez a associação com o corpo e os sentidos e mergulhar completamente, perdendo-se em seu princípio básico - o Param-Atma, o Ser Supremo. A felicidade que preenche o Jivi é a autenticidade do Param-Atma.

Durante o sono sem sonhos, o Jivi alcança e experimenta o Anandaloka, a região da bem-aventurança, conduzido até lá pelo esplendor do Udana prana, o alento vital que eleva. Essa região também é conhecida

como Brahma Loka, a Ananda Loka. Essa é a chance esplêndida que o homem obtém sem esforço durante o sono; a possibilidade de apreciar a proximidade do Param-Atma que é a fonte e a substância principal dos cinco Elementos Básicos, dos cinco sentidos e do instrumento interno da percepção - os cinco Bhutas, os cinco Indriyas e o Antahkarana.

Mas essa experiência não permanece; é muito temporária. A pessoa que conquistou a Percepção, com a purificação da mente e o esclarecimento de Buddhi (intelecto), obterá a felicidade imutável do Mergulho no Param-Atma. Só pode se tornar onisciente, a pessoa que está sempre na região de Akshaya (imutabilidade), fundida com o Akshara Parabrahma (A Suprema e Imperecível Vastidão), o Param-Atma. Quando está ciente de que tudo é Ele, não há nada sem Ele ou fora Dele, transforma-se no todo ou Brahman.

No sono profundo, o Jivi está em thamoguna ou na completa ignorância. Para a pessoa realizada, entretanto, mesmo os sonhos concederão tanta felicidade quanto lhe proporciona a vigília, quando acordada. Mesmo em vigília, essa pessoa se mantém livre do impacto do complexo corpo-sentidos-razão e permanece repleta da bem-aventurança de sua autêntica Realidade. O ser particularizado compartilha da chaitanya ou Consciência do Universal e somente pode se fundir nesse Param-Atma, a Suprema Chaitanya. Conseqüentemente, esta Sutra enfatiza para nós a verdade de que "Sath" ou "o Atributo de Ser" (que "se torna" e "inclui" toda a criação) se refere tão-somente ao Para-Brahman, a Consciência Suprema e não a toda e qualquer entidade derivada dele e dependente dele.

SRUTHATHWAATH CHA

Uma vez que o Onisciente Brahman é declarado pelos Vedas como a causa do Cosmos, a descrição e a compreensão desse sublime fenômeno foi concebida. A própria expressão Brahman, transmite o significado de que Aquilo tem o poder da vontade, etc. Os Vedas, que falam de Brahman como incondicionado e desprovido de atributos, declaram também que Ele tem, como sua própria natureza, bondade total, pois, do ponto de vista do Cosmos, Brahman é sem qualificações.

Os textos das Upanishads que formam uma seção das Sruthi ou escrituras Védicas, não mencionam qualquer distinção entre Brahman ou Eswara, o Absoluto e o Onipotente. O que precisa ser compreendido de todos esses textos de Vedanta é que o Cosmos é a manifestação ou projeção da Consciência Suprema. Do contrário, quando o Cosmos é considerado inerte e desprovido de consciência, alguém poderia perguntar, como, então, pode ser assim, tão convidativo e atrativo? Não pode ser inerte e maçante, pois, se assim fosse, seria sempre o mesmo. Não. Esse ponto de vista está incorreto. Deus é a causa eficiente assim como a causa material do Cosmos. Tornou-se, Ele mesmo, tudo isso. É a verdade interna e externa. Daí vem a Luz que ilumina e revela, que expõe e desvela.

“Pishtaadi Guda Samparkaath”, costuma-se dizer. “Pishta” significa “farinha”; qualquer tipo de farinha, de arroz, de trigo ou de grão-de-bico. A farinha é adocicada pela “guda samparkaath”, a mistura com “guda”, jagra²¹ ou açúcar. Por si mesma, a farinha não tem sabor agradável; o açúcar a torna saborosa. Do mesmo modo, onde quer que o encanto, a atração ou o esplendor se manifeste no Cosmos, é a Alma Cósmica, o Param Atma, que se faz evidente e nada mais. O Sruthi deixa isso muito claro. O Param Atma, como afirmam os

21. Açúcar mascavo de cor clara, típico da Índia (jaggery, em inglês).

textos do Sruthi, cria, nutre, promove e sustenta o Cosmos (jagath) e, finalmente, é Ele que induz o Cosmos a fundir-se Nele. O Param Atma é o único Criador, o único Desfrutador, e o único Protetor e Mestre. Esta é a proclamação contida nos Sruthis.

Os Sruthis declaram que Brahman é Ananda-swarupa, da Natureza de Ananda ou Felicidade Suprema. Elaborando a respeito do Atma, eles mencionam os envoltórios que o abrigam – o envoltório do alimento (Annamaya kosa), o envoltório do alento vital (Pranamaya kosa), o envoltório mental (Manomaya kosa), o envoltório intelectual (Vijnanamaya kosa), nessa ordem. Após esses quatro, o envoltório mais interno é aquele da bem-aventurança (Anandamaya kosa). Todos eles estão em Brahman e, assim, é apropriado concluir que Brahman é, inerentemente, Ananda. Cada um desses kosas é mais sutil (sukshma) do que o outro, sendo o Anandamaya o mais sutil dos cinco. O Pranamaya é mais sutil do que o Annamaya, o Manomaya, mais sutil do que o Pranamaya, o Vijnanamaya, mais sutil do que Manomaya e o Anandamaya, mais sutil do que o Vijnanamaya. Conseqüentemente, todos eles podem ser considerados como o “corpo” ou “upadhi” de Brahman.

O envoltório ou revestimento do alimento é a camada bruta que protege o revestimento menos grosseiro, ou seja, o alento vital. Os ares vitais são mantidos e dirigidos pela camada mental, menos grosseira ainda. O Manomaya kosa controla os Pranas, que regulam e operam os instrumentos físicos e sensoriais. Assim, é muito mais poderoso do que o Alento ou Prana. Mais sutil do que essa camada mental é Vijnanamaya, que está sempre atuando de forma a discriminar entre o provisório e o permanente, o Anithya e o Nithya. Está muito próxima da experiência de Ananda. De fato, ajuda a evocar

essa experiência, que é a consciência do próprio Brahman.

A fim de guardar o corpo contra doenças, nós usamos diversas variedades de roupa - primeiramente uma camiseta²², então uma camisa, em seguida um casaco e, sobre o casaco, um xale. Quando temos que examinar o coração, o xale precisa ser colocado de lado. Então, o casaco deve ser retirado. A camisa também tem que ser removida. Somente quando a camiseta é retirada, o coração pode ser examinado. Do mesmo modo, o indivíduo deve eliminar os upadhis ou camadas denominadas Annamaya, Pranamaya, Manomaya e Vijnanamaya a fim de estar intimamente ciente do Atma ou do Brahman Supremo que é a própria Ananda. A viagem conhecida como “vida” é tão somente uma peregrinação do Annamaya (o plano do alimento ou matéria) até o Anandamaya (o plano espiritual bem-aventurado). Este é o objetivo, a finalidade. Sutra nos faz saber esta verdade. O Param Atma, a Alma Suprema é, essencialmente, da natureza de Ananda.

Há alguns que não concordam com esta conclusão. Postulam o jivatma ou a alma individualizada, não como Ananda, mas, como Vijnana, a faculdade discriminadora do intelecto. Quer dizer, Brahman é refulgência em Si mesmo; não necessita de nenhuma fonte de luz externa. Estabelece-se em seu próprio esplendor. Outros declaram que Parasakthi (Energia Suprema) é a entidade conhecida como Anandamaya ou Param-Atma, entidade também designada como Para-Aakaasa, o Espaço Supremo. Entretanto, essas são teorias surgidas de diferentes processos mentais, de povos em diferentes planos.

.....

22. No original, Swami escreveu banian, que tem dois significados: pode ser um roupão, também conhecido como robe-de-chambre e também sua variação de uso público, um tipo de sobretudo; ao mesmo tempo pode significar roupa-de-baixo, a popular camiseta, que é a melhor tradução no contexto.

Brahman abrange tudo e a consciência de toda entidade é a consciência do próprio Brahman. Não pode ser diferenciada ou dividida. Ananda é tudo; Brahman, o Anandamaya, é também o jivatma, aparentando ser individualizado. A qualidade não pode ser identificada e considerada separada da coisa que a possui. O Atma é Ananda, seja universalizado como Param-Atma ou particularizado como jivatma. Ananda não pode ser medida como menor ou maior. Anandamaya (O Absoluto repleto de Ananda) significa a própria Ananda, não algo que possui Ananda. Assim, o jivatma não é menos Ananda nem o Param-Atma é mais Ananda. São, ambos, a mesma Ananda.

Também no sentido material e comum, Ananda é a característica de cada ser vivo. Conseqüentemente, todo ser humano procura expressá-la e desenvolvê-la. Os seres vivos costumam renunciar a vários desejos e linhas de conduta a fim alcançar Ananda. Mas, a crença de que Ananda pode ser obtida dos objetos externos é um sinal de ignorância. “Sarvam paravasam duhkham” (De tudo que lhe é externo, vem o sofrimento); “Sarvam Atmavasam Sukham” (De tudo que lhe é interno, surge você). De acordo com este axioma, quando o homem sente que sua Ananda depende dos objetos externos, está se afastando de si mesmo e cortejando o sofrimento. Mergulha no sofrimento desnecessário pela escravização aos objetos que, de acordo com sua fantasia, podem fazê-lo feliz. Transforma-se em alvo para a ansiedade e a preocupação. A tentativa de obter Ananda dos objetos e atividades externas é, conseqüentemente, desaconselhada de todas as formas. Aqueles que anseiam pela genuína Ananda precisam voltar suas tentativas para dentro, na direção do Atma. Quando se procura por Ananda nos objetos externos, sofre-se muito, do mesmo modo como uma pes-

soa sedenta que corre em direção a uma miragem. Nada obtém para aplacar sua sede e seu fim é miserável.

Um aspecto, neste contexto: quando se diz que Rama tornou Bhima uma pessoa rica ou que Rama tornou Bhima uma pessoa bem informada, não significa que Rama, antes, era mais rico ou mais sábio do que Bhima? Se Rama fosse indigente e ignorante, como poderia transformar Bhima em uma pessoa rica ou sábia? Obviamente, não seria possível. Brahman é a própria Ananda-swarupa. Assim, cada coisa viva recebe Ananda de Brahman. É Onisciente; assim, concede, desperta e desenvolve o conhecimento em tudo. Deus é o concessor, o promotor de Ananda. Isto é confirmado na Sutra “Aanandamayobhyaasaath” (“Bem-aventurado é o Ser Supremo, uma vez que a declaração é repetida muitas vezes”).

MANTRA VARNIKAM EVA CHA

(“Sathyajnaanamanantham Brahma”). Este mantra ou fórmula axiomática sagrada também se refere ao mesmo Brahman que é Anandaswarupa. Brahman é Ananda; Brahman é Verdade, Sathya; Brahman é Conhecimento, Jnana; Brahman é Infinitude; Anantam. Sathyam ou verdade é sinônima de Ananda, felicidade. Não significa qualquer outra coisa.

Sathya implica em Ananda indivisível, incomensurável. Não pode ser afetada por limitações de espaço, pela passagem do tempo ou pelos humores variados dos que a experimentam. A própria Ananda purifica o tempo, o espaço e o indivíduo. Esses três são dominados por Ananda; ela não lhes é subserviente; não é limitada pelo tempo, espaço ou recipiente individual. Conseqüentemente, Deus, que é

designado e descrito pelo mantra só pode ser parcialmente conhecido pelo Mantra; Ele não limita o Mantra, o Mantra pode limitá-lo. Ananda é a ligação entre ambos.

JYOTHISCHARANAABHIDHAANAATH

A palavra Jyothi (luz) não se refere à luz física do mundo material. Quando limites ou qualificações materiais como charana ou pés são atribuídas à luz, como podem se referir à Entidade imanente, onipresente? Um fenômeno tão limitado ou qualificado não pode transformar-se em objeto de adoração e meditação. Quando a palavra Jyothi significa a luz encarnada e dotada de determinadas características naturais, não pode significar Brahman, o Absoluto Universal.

O Purusha Suktha, o hino de louvor à Pessoa Cósmica, declara: “Paadoasya viswa bhuthaani”: “o Cosmos inteiro, com todos seus elementos componentes é apenas um quarto de Sua Glória”. Conseqüentemente, Ele está além dos limites, medidas ou graduações. Jyothi ilumina o Paraíso e além, revela até mesmo Brahman. Aquilo que se torna conhecido por seu esplendor, a era que precede a origem dos seres vivos e as regiões que estão além, até mesmo do mais distante e do mais elevado, “Aquilo” é indicado pela palavra Jyothi. Brilha naquela região (Loka) suprema dentre todas.

Observe também que a mesma Jyothi brilha em toda parte, todo o tempo, em todos os seres. Compreende Asthi (Sath; Existência), Bhaathi (Chith; Iluminação; Conhecimento), e Priya (Ananda; Alegria; Felicidade). Toda coisa vista no Universo tem o invisível como base. Todas as coisas que se movem têm o imóvel como base. O mesmo ocorre para cada ser vivo, porque, para o próprio Cosmos, o Brahman invisível, a Supra-Verdade, Para-Brahman é a base. É este Para-Brahman, o Omni-Ser, que faz com que o Cosmos brilhe. Jyothi é a

palavra apropriada somente para esta Luz e não para a luz limitada, inferior, física. Jyothi não tem começo, nem fim. É Param Jyothi (Luz suprema), Advaita Jyothi (Única Jyothi), Akhanda Jyothi (Luz Eterna). Em outros termos, é o próprio Para-Brahman, porque tudo isto é revelado somente Nela e através Dele. A Jyothi aqui descrita não pode ser interpretada de outra maneira. As Upanishads falam de Brahman como tendo “pés” mas isso não restringe nem reduz sua vastidão de forma alguma.

“Jyothi”, portanto, significa “Brahman”. Quando Brahman é imaginado com quatro “pés”, ou quadrantes, tudo que é projetado a partir de Brahman compreende apenas uma quarta parte. As Upanishads afirmam que as outras três partes são “amritham”, (“imortais, indivisíveis, imutáveis”) em “divi” (luz divina).

Um ponto a ser lembrado é que essa amritham não pode ser igualada à luz comum com a qual lidamos. A Jyothi das Upanishads é “dipyathi” (iluminadora). Como pode esse processo ser limitado e amarrado ao efeito da luz material ordinária? Jyothi está incorporada em Brahman; opera apenas em Brahman e através Dele. Brahman é imanente em tudo e, assim, Jyothi revela tudo e brilha em tudo.

A base, a raiz, a cobertura do Cosmos sempre vibrante, eternamente móvel é Brahman, o estável, o fixo, o imóvel, o Jyothi sempre constante. Quando Brahman também começa a vibrar, mudar e mover-se, o que acontece é a fusão total, a submersão, Pralaya. Por exemplo, quando o trem se move, se os trilhos sob ele também se moverem, qual será o destino dos passageiros? Quando nós andamos, a estrada é estacionária. Assim podemos prosseguir com segurança.

A luz que brilha individualmente é como a chama de uma lâmparina; a luz que ilumina e revela tudo é chamada Jyothi. Essa Jyothi

revela o fogo que permeia as regiões, que aquece o corpo e reside no estômago, que é o brilho do olho. A Lua é iluminada pelo Sol e se torna brilhante dessa maneira. Todas essas atividades são postas em marcha e promovidas por Brahman, que é a própria Jyothi. Jyothi é o princípio, o fenômeno da iluminação em todos os seus aspectos.

PRANA STHATTHAANUGAMAATH

(Prana é Brahman, porque se compreende como tal)

Prana que significa a respiração ou o ar vital, não se refere ao sentido ordinário da palavra, mas somente a Brahman. Essa palavra também é usada freqüentemente para significar as deidades que presidem a respiração e os ares vitais, como Indra, Rudra, Vaayu etc. Mesmo esse sentido não é aplicável.

Certa vez, um aspirante espiritual chamado Prataradana se aproximou de Indra, Senhor da morada dos deuses e implorou para ser instruído sobre o que pode dotar o homem com aquilo que é mais benéfico a ele. Indra o orientou a conhecê-lo como a vida e meditar Nele como “Prana”.

Definindo Prana e descrevendo sua glória, Indra lhe disse: “Esse Prana é identificado como Consciência” (Sa Esha Praana Prajnaatma). “É felicidade, Eternidade, Imortalidade” (Anando-Ajaro-Amrithah). Quer dizer que Prana é a própria incorporação da Bem-aventurança (Anandaswarupa); não tem declínio ou diminuição (A-Jara); é imortal (A-Mrita). Esse é o ensinamento. Essas características pertencem somente a Brahman, não a Prana como geralmente é compreendido. “Prana” é somente um símbolo para trazer Brahman à mente e não outra entidade qualquer.

A pergunta era sobre a entidade mais benéfica e essencial que o

homem precisa conhecer e possuir. Apenas Brahman é a fonte, a substância e o sustento. Assim, “Prana”, a palavra usada por Indra, só pode significar Brahman e nada mais. O significado grosseiro da palavra precisa ser rejeitado e o significado sutil, aceito em seu lugar. Os homens, em geral, consideram a riqueza, o poder e a fama como o mais essencial e perseguem esses objetivos com todos os meios possíveis. Nesse esforço, o homem desperdiça as qualidades humanas valiosas com as quais é dotado. Além desse desperdício dos anos de vida concedidos, mergulha cada vez mais fundo na escuridão da ignorância (Ajnaana). Ignora e perde a consciência de sua natureza real (Swa-Swarupa).

Em outra ocasião, Indra instrui: “Conheça somente a Mim”, (Maam Eva Vijaaneehi), que quer dizer: “compreenda-me bem; esteja completamente ciente de mim em seu interior” O Indra consultado aqui não pode ser uma deidade particular que tem corpo e membros. Nós não podemos inferir que a palavra “Prana” indicou que Indra se referia a ele mesmo. Pode-se discutir que a entidade sobre a qual se tem que meditar é “Prana” ou Indra, porque Indra é Prana e Prana é Indra: não pode ser Brahman. Essa interpretação não está correta. Prana significa Brahman e nada mais. Alguns interpretam a indicação “Conheça somente a Mim” como uma orientação ao ouvinte a “conhecer Brahman que é Minha Realidade, Minha Verdade, meu Núcleo” – assim, somente Brahman está denotado pela palavra usada por Indra ao instruir Pratardana.

Na linguagem comum, do dia-a-dia, Prana e Indra são associados entre si. No vocabulário da investigação espiritual, o vasto (Bhuma) é descritivo de Brahman, que também significa “o Ilimitado, além, até mesmo do Cosmos”. Os comentaristas investigaram os significados superficiais e mais profundos dessas expressões e tentaram conciliá-los como indicativos de um mesmo princípio. Prana e Brahman, estabelece-

ram eles, são duas faces de uma mesma moeda; são inseparavelmente interpenetrantes (Avinaabhaava Sambandha). Conseqüentemente, o que se tem que meditar é sobre Brahman e nada mais.

“Saastra drshtyaa thu upadesha Vaamadevavathu”: (a instrução está em consonância com o ponto de vista da escritura, como no exemplo de Vaamadeva).

O santo Vaamadeva aderiu aos ensinamentos das escrituras - eu sou Brahman (Aham Brahmaasmi), Tu És Aquilo (Tathwam Asi); Brahman é a sabedoria mais elevada (Prajnaanam Brahma); Este ser é Brahman (Ayam Aatmaa Brahma) – aos quais ele escutou e alcançou desse modo a consciência direta de Brahman. (Aparoksha Brahma Jnaana). Ele meditou sobre a verdade de que “Eu sou Brahman” (Aham Brahmaasmi). Do mesmo modo, quando Indra instrui, “Conheça somente a Mim” – o verdadeiro Eu - Brahman é a quem ele se refere, não à força vital - Prana. Antes de a consciência alvorecer nele, Vaamadeva também poderia ter entendido como Prana, a deidade Indra. Seu anúncio depois da realização foi: “Eu era Manu” (Aham Manurabhavam), “Eu sou Tudo” (Sarvaatmakam). Da mesma maneira, uma vez que a deidade Indra possuía a sabedoria total, poderia declarar Brahman como equivalente ao Prana ou à força vital que há em tudo. Não há nenhuma inconsistência nisso.

De fato, Brahman pode ser indicado como qualquer entidade. Tudo é Brahman. (Sarvam Brahmam). Verdade, Sabedoria, Eternidade é Brahmam (Satyam-Jnaanam-Anantham-Brahma). De acordo com essas expressões da experiência intuitiva, toda e qualquer coisa pode simbolizar e significar Brahman. Todas as coisas emanaram de Brahman, todas as coisas são projeções de Brahman. O ouro não perde sua natureza, não importa os nomes e formas que possa assumir

como jóia. Ninguém deve se deixar enganar pela multiplicidade de nomes e formas do mundo objetivo, pela variedade de imagens e sons. Quando a verdade atrás da diversidade é identificada, o indivíduo se torna ciente de Brahman como a Causa Principal, a Base, a Meta. Indra, a deidade, não é nada disso.

A Sutra com a qual a investigação começou “Janmaadi Yasya Yathaha” (Aquilo do qual é derivado o nascimento do Universo) – estabeleceu que Brahman é a causa do cosmos inteiro, do espaço e de todas as forças vitais. Assim, a palavra Prana aplica-se ao próprio Brahman.

SARVATHRA PRASIDDHOPADESAATH

“Em toda parte, a Entidade bem conhecida é essa que é ensinada”. Em todas as indicações contidas nos textos de Vedanta, as Upanishads, a familiar e facilmente reconhecível expressão Brahman, é aquela que é mencionada e elaborada. Na recomendação: “Deve-se meditar, acalmando-se”, o objeto da meditação é, portanto, a entidade indicada por: “Tudo isto é, de fato, Brahman” e não o ser individualizado. Os comentaristas também destacaram esta interpretação.

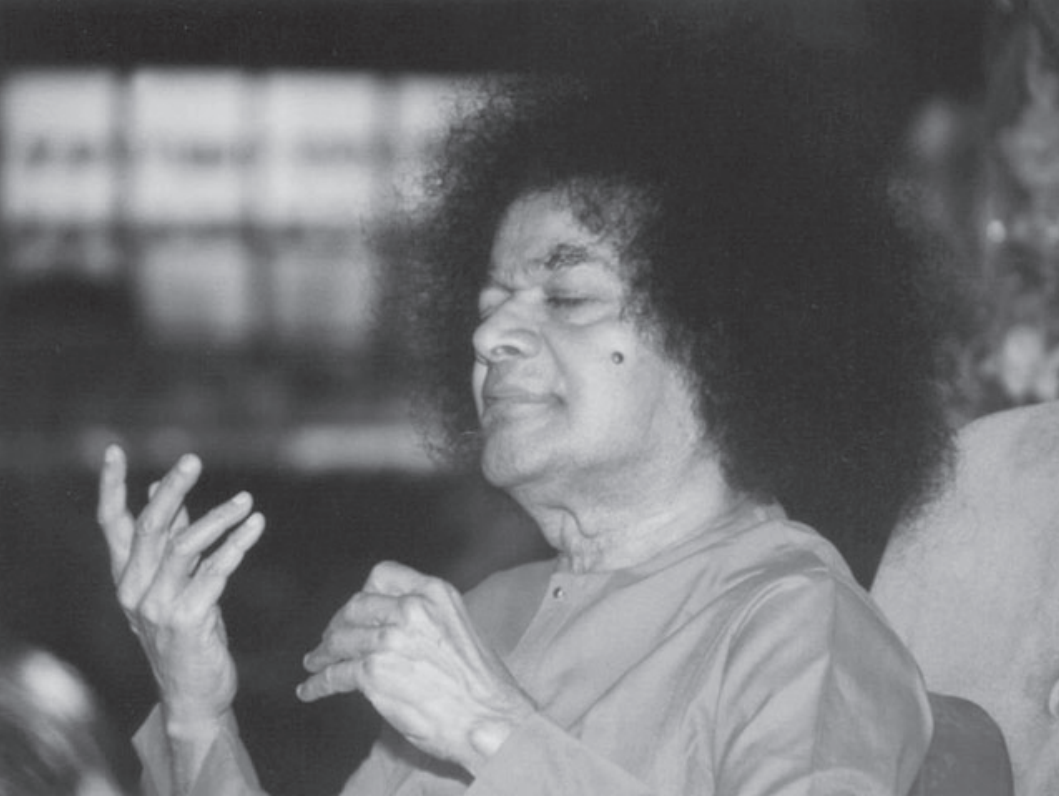
“Tudo isto é, de fato, Brahman” (Sarvam Khalvidam Brahma) é o axioma com que se inicia a exortação à meditação das Upanishads. A Sruthi ou revelação Védica é que o Cosmos ou a Criação são Brahman; pois esta se origina de, é sustentada por e se funde em Brahman. Não é distinta ou separável de Brahman.

Quando vistas sem as distorções gêmeas de gosto e aversão, amor e ódio, todas as formas, todos os efeitos, todas as causas são experimentadas somente como Brahman. Mas, quando a visão é afetada pelo amor ou ódio, cada forma, cada efeito e causa parece diferente

do resto. Daí vem o conselho de meditar após ter alcançado a calma. Quando os sentimentos estão calmos e equilibrados, tudo que há é percebido como um só. A mente agitada não consegue ter uma visão única. Funciona ao longo das linhas contrárias. Assim, experimenta o mundo, a natureza e o Cosmos como separados de Brahman. Essa visão cria a divisão. A visão calma revela a unidade. Como a visão, assim será a impressão, a observação do mundo.

A cabeça da família é somente uma pessoa. Mas cada membro da família o enxerga de um ponto de vista diferente. Assim, a ele se dirigem, diferentemente, como “pai” pelo filho, “marido” pela esposa, “sogro” pela nora, “avô” pelo neto, “irmão mais velho” por seu irmão mais novo; pensa-se em um só como possuidor de muitas formas, por causa da variedade dos relacionamentos assumidos.

Do mesmo modo, investigadores e pensadores que estão em vários níveis de consciência e de realização expressam e experimentam o Uno de formas e maneiras diferentes. Ademais, as atitudes de aproximação e adoração também produzem diferenças na experiência do Uno. Alguns identificam e postulam o Atma individualizado ou Jivi; alguns adoram o Todo-poderoso Eswara, Deus; outros concebem a Energia, Sakthi, que a tudo permeia e outros mais, têm como objetivo, a Pessoa Cósmica, o Purusha. Porém, o Jivi não pode reivindicar onisciência e onipotência. Enquanto estiver limitado por sua ignorância e egoísmo auto impostos, o Jivi não pode conhecer e experimentar o Brahman todo-penetrante, todo-envolvente.



OM SRI SAI RAM

